REVISTA DE CULTURA E PROPAGANDA
ARTE E LITERATURA COLONIAIS

O MUNDO PORTUGUÊS

DIRECTOR: AUGUSTO CUNHA

EDIÇÃO DA AGÊNCIA GERAL DAS COLÓNIAS E DO SECRETARIADO DA PROPAGANDA NACIONAL

SUMÁRIO

Poemas coloniais	Alberto Osório de Castro
Singularidades dum paiz distante. Rios	Maria Archer
2 desastres. Mafunda e Inhachirondo (continuação)	João de Azevedo Coutinho
A mocidade académica e o 1.º Cruzeiro de Férias às Colónias. O que eu vi em África	Manuel Emídio
O clero português e as missões	António Brásio, C. S. Sp.
Regina	Jaime do Inso

RESERVADO O DI EITO DE REPRODUÇÃO DAS GRAVURAS

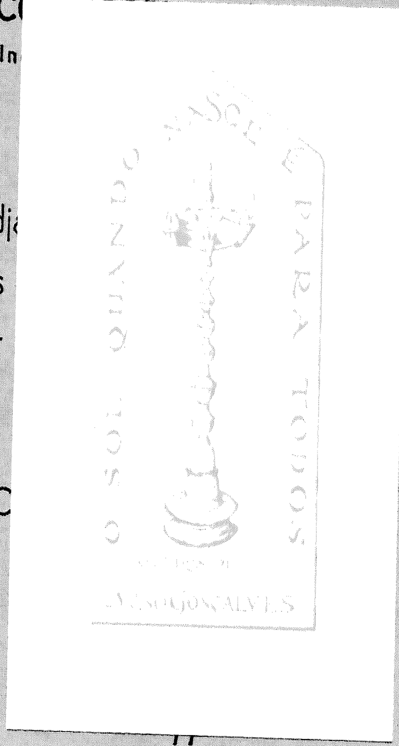
Número 23 — Novembro de 1935 — Volume II

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: AGÊNCIA GERAL DAS COLÓNIAS
RUA DA PRATA, 34 // LISBOA // TELEFONES 20651 - 20652

//

C… A

(In… to)



	6 meses	12 meses
Continente e Ilhas adj…	17$00	32$00
Colónias Portuguesas	23$00	45$00
Índia, Macau e Timor	25$00	50$00
Estrangeiro . . .	50$00	100$00

C…

//

NÚMEROS ESPECIAIS

Desta tiragem, em papel Manchester Ledger e couché Chelsea, executaram-se 25 exemplares, numerados e rubricados pelo Director.

Comp. e Impr. - Sociedade Industrial de Tipografia Limitada - Rua Almirante Pessanha, 5 - ao Carmo
L I S B O A

OS

POEMAS COLONIAIS

DE: ALBERTO OSÓRIO DE CASTRO

IX

NOCTURNO INDIANO

Para o sr. M. Teixeira Gomes
o poderoso artista da prosa alada

Amor de Descendente
Tem o aroma dos jambos e da manga…
Na distância da noite clara e ardente
Rufa, espaçadamente, uma murdanga…

É calma. O luar de pérolas escorre
Da fronde infinda do palmar.
Num fogo de ardentia a onda morre
Na praia, a suspirar…

…Se a alma fôsse, pela noite em fora,
A transmigrar!… —flor suave de tristeza
A abrir no alvor de imaculada aurora
De graça e de pureza!

Tanto perfume de jasmins… tontura,
Ansiedade da noite, tôda ardor…
Ha só frescor no colo teu, doçura
Em teus lábios de amor!…

X

G A Z A L

I

Dá-me a noite de amor dos teus cabelos,
De sândalo e champós tôda perfumes,
Teus olhos negros num candor vou vê-los,
Brilhantes vagalumes.

II

E quando essas madeixas rescendentes
Se aljofrarem de gotas de suor,
Será como o agitado resplendor
Das estrêlas cadentes.

III

E hão-de alvejar teus dentes entre as rosas
Dos lábios doces, na ardorosa sombra,
Como de noite, em orvalhada alfombra,
Jasmins e tuberosas.

XI

B A H I S I N H A

Ao governador e castelão de Diu,
J. Herculano de Moura

Vestidinha de cassa, a bôca purpurina
Como as ixoras, de madrugada,
Na quitunde *de róta e a cêlha axaroada*
Guarda os pilouros *de linha fina.*

Com seu claro cabelo os dois nomes bordara
Da longa espada sôbre o talim.
Ai! se a bôca inda à de êle à noite não colara,
Entre os quisquális do varandim!...

A tarde de setembro é de lilás e malva.
Já para a Agoada lá vão singrando
Altos galiões reinóis, a Cruz de Christus a alva
Asa das velas ensanguentando.

Depois... nunca mais vê-lo!... Um pranto ardente corre
Dos olhos garsos de Violante.
Nunca mais!... Anoitece. Em vaga sombra morre
Tôda a agonia daquele instante...

Goa, outubro de 1906

XII

BALADA DAS ROSAS DE CHIMBEL

Pálidas rosas de Chimbel,
Coitadas delas, a murchar,
Sem que à sua alma o aroma e o mel
As abelhas vão procurar.

É uma agonia bem cruel
Longe do sol desabrochar.
Pálidas rosas de Chimbel,
Coitadas delas, a murchar.

Lá fora o sol sôbre o vergel
Põe tôda em flor a terra e o ar,
E elas à beira do marnel
Estão às grades a cismar,
Pálidas rosas de Chimbel.

Goa, julho de 1905

SINGULARIDADES
DUM
PAIZ DISTANTE

• • RIOS • •

QUEM percorre os centenares de quilómetros desdobrados entre a costa e o planalto do Moxico calca quási sempre terras revestidas de matagais rasteiros, espigadas de arbustos tacanhos e agrestes; a côr é tôrva, verdes empoeirados, raro pingados do esmalte mais vivo duma nota fresca. Então, mal arriba ao Moxico e se embebe da floresta, deslumbra-se; o que nos cerca é imenso, magnífico, maravilhoso; é a floresta, o poder da árvore, o triunfo da maior beleza natural.

Os rios cortam a floresta, como claridades alvorecendo no seu negrume de mistério. Entre os troncos abrem-se as estradas opalinas; descem dos brejos da serra, sagradas pelo incógnito da origem; fascinam dos sortilégios em que se vela o seio desconhecido que as gesta.

A floresta ondula na serrania e a serrania arqueia as corcovas sôbre um infinito lençol de águas subterrâneas. Num raio de cem quilómetros o chão desfaz-se em águas correntes, águas que bramem no silêncio da mata, águas que galgam distâncias, águas que se despenham nas cachoeiras, águas que vão morrer nas longínquas beiras de África. Avançam, retrocedem, torcicolam, escorrem, galopam, miram a floresta em mil recantos,

e por percursos longos nesses recessos do país dos bárbaros cumprem seu fadário abençoado por Deus. Por fim abocam ao Zaire e ao Zambeze, rios de soberba e prestígio, gigantes de cristal, irmãos nascidos no mesmo ventre, irmãos amuados que buscam o mar em praias opostas.

Prendi por momentos no côncavo da mão um pouco daquela água múrmura, lépida, viva, afadigada para tamanha carreira. Pensei no profundo, no dilatado destino de gôta de água. E depois larguei-a, deixei-a seguir, deixei-a viver o instante em que canta na curva suave dêsse trecho do rio. E mais abaixo abalar na doida fuga que a esgarça sôbre os hispidos rochedos da ladeira que precede a catarata; assim a vi seguir, a essa gôta de água do rio; ora esfalfada, ora repousando, galgará milhares de léguas entre escarpas de terras encobertas nas distâncias, nos países onde nascem e morrem gentes exóticas, selváticas, incompreensíveis.

O Zaire e o Zambeze brotam vizinhos, da alquimia do mesmo seio mater; a mesma benção os fada para correr o mundo. Mas depois amuo de milenária persistência arroja-os para praias diversas, um no Índico, outro no Atlântico. Germinados no ubere da mesma floresta ocultos ódios os forçaram a arreganhar a terra de costas viradas. Nas cavernas abissais, no fundo secreto da montanha, separam-se. Adeus! Adeus! um fita o sol nascente, outro mira o sol poente, e ala, lá vão êles escorrendo em vertentes que olham faces fronteiras no céu.

Nos rios africanos ocultam-se feras, temíveis, carnívoras, asquerosas. Corre risco de morte quem se abeira dêles sem recato; corre risco quem brinca com as mãos na corrente, quem se narciza nas águas mais tranqüilas. Silenciosamente, encoberto, sulca-as o grande lagarto verde, que arrasta para as profundidades todos os imprudentes que confiam na calma e na inocência dos rios desertos, pacíficos e solitários, donde surge a cilada.

De noite, quando as sombras protegem, quando o negrume acoita, descem aos rios, para beber, as feras de corpo mosqueado, as feras coroadas de juba, as feras noctílopes. Seus olhos cintilam sôbre o veludo nocturno como as esmeraldas facetadas cintilam à luz.

Os hipópotamos emergem à mesma hora, roupem pelos matagais, e

pesadões, e devastadores, buscam os campos lavrados, devoram as culturas, pisam e destroem o que abandonam. Ao longe ecôa o tropel dos seus passos, ressôa na terra como batalhões em marcha. Quando perseguidos viram de rumo, tornam ao rio, mergulham céleres, e em seu leito caminham estrondosos; em cima ouvem-se os choques das patas que batem os seixos dos fundos.

Atacam o homem por instinto de defeza ou ferocidade — não por lei vital. Não comem carne. Alimentam-se de ervas, sementes, raizes, frutos; seu festim é o das aves, das gazelas, dos elefantes, dos bufalos.

De dia só mostram à tona da água uma nesga da bocarra e dos olhos; o disforme corpo mergulha, segue a esteira dos barcos — seguiu-nos. Atacam as embarcações que deparam junto das margens; para isso firmam-se no leito do rio, erguem o barco com o dorso e viram-no, quer vá cheio ou vasio. Quando êsse ataque se esboça, e não há armas potentes contra o inimigo, o remédio é largar para as águas profundas, onde, falhos do apoio da terra, os ferozes erbívoros se limitam a bater no casco que mergulha trombadas tão furiosas como inofensivas.

Êsses rios do país distante adornam-se de numenclaturas exóticas, nomes de som bárbaro, evocativos das plagas temíveis em que, nos tempos passados, os nossos soldados morriam, entre a tortura e a horrível festa canibal. — Luena, Lumégi, Lungué-Bungo, Cassai, Luxia, Chiombê, que sei eu! sonoridades que arripiam como bramidos selvagens, que efabulam na nossa mente imagens de gentes bravias, semi-nuas, canibalescas, brandindo armas envenenadas, ornadas de peles de felinos, pingadas de colares de garras de leão; que evocam combates ferozes, os homens brancos agonizando, ao abandono, pelas brenhas, causticados do sol, esvaindo-se de ferida ervada, sem lenitivo ou cura; que evocam a Epopeia dolorosa, heróica, ignorada, da conquista dêsse Império africano que Portugal desejou — não sei porquê.

*

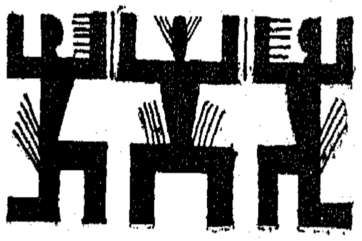
Puz-me na rota doutro destino; parti através do país singular e distante.

Cruzei os rios amantilhados nas brumas misteriosas das lonjuras, borbolhando de socalco em solcaco, desagarrados sôbre as cachoeiras. Debrucei-me sôbre os extases das águas estagnadas, onde zumbem miríades de insectos em nuvens irisadas de cintilações.

Sôbre pontes salvámos rios sucessivos. Passámos sôbre o Lumégi, águas em trupe trupe caminho do Zambeze, para viverem no Índico a recordar as caravelas da Índia. E noutra ponte, setenta e quatro quilómetros além, galgámos o grande Cassai, que aos tropo galhopos vai ao encontro do Zaire, até ao Atlântico, amansando as fúrias e turvando as côres do oceano.

Perturba-me, deslumbra-me, sortilégio dessas águas, esgueiradas para mundos opostos, vertidas das secretas entranhas da terra selvagem, manancial de energias ignoradas.

E quando, caminhando entre a descompassada floresta, galgando rios e cerros, embebendo meus curiosos olhos da barbarie da terra e do mistério das águas, esbarrei com a catarata do Dálo, atroante como mundo despenhado — em que todo um rio quebra em dupla quéda sôbre rochas, e entre rochas enramalhetadas de arvoredo, desdobrado em massas de espuma de incomparável brancura, massas nimbadas de corôas luminosas onde o sol se coava e espargia — deixei-me embalar na dormência genesíaca das lendas pela impressão de sonho que então me tomou; como que me dominava a sensação de aventura irreal, impossível, nessa travessia do país singular e distante.



M A R I A A R C H E R

2 DESASTRES/**MAFUNDA** E **INHACHIRONDO** •

(CONTINUAÇÃO)

Cheguei a Quelimane em princípio de Agôsto com as pessoas que deviam acompanhar-me e já citei.

Também foram meus companheiros a bordo do vapor «Tungue» da «Mala Real» o secretário geral do govêrno, dr. Alfredo Lelo, o major de infantaria António da Nóbrega Pinto Pizarro chefe interino da repartição militar da Província (não havia ainda então chefe de Estado Maior); o secretário de Fazenda (ainda não havia Inspectores de Finanças) e o director da Alfândega de Moçambique Santos Severino (ainda não havia círculo aduaneiro), pai de um rapaz que depois conheci em Sena, e que me acompanhou em duas campanhas, valentíssimo, e que ainda novo morreu tuberculoso.

Constituiam êsses funcionários uma comissão encarregada pelo govêrno geral de fazer inspecção a todos os serviços públicos nos distritos, e iniciavam a sua missão por Quelimane.

Foi então que se deu um episódio de verdadeira farça, em que só por acaso eu intervim mas que teve resultados inesperados e conseqüências curiosas. Havia já sido ligado ao serviço da expedição o director da alfândega de Quelimane, Pedro de Campos Valdez, meu antigo camarada da Escola Naval, que tendo sido aluno do Colégio Militar tinha a mais decidida queda para tudo quanto dizia respeito á militança, e que forte, enérgico e decidido tinha uma vontade de ferro. Era, como depois teve ensejo de se revelar, um elemento de primeira ordem.

Não sei se foi dêle a idea de oferecerem um jantar à Comissão, no edifício da Câmara, mas sei que embora ela fôsse recebida com certo alvorôço, todos os funcionários pretendiam ser-lhe agradáveis. O certo é que o jantar veio a realizar-se nas vésperas da partida da Comissão para Inhambane, depois de findos os seus trabalhos em Quelimane.

Estava então comandando a polícia um *enorme* alferes graduado, de nome Custódio da Silva; gigantesco, alentado, verdadeira montanha, cujos serviços Lelo,

decerto seduzido pelo aspecto formidável daquele militar, no fundo um verdadeiro pobre diabo, resolvera aproveitar chamando-o para seu ajudante, e secretário da comissão.

A polícia era composta por uns 24 soldados índios, gentios ou canarins, dos quais um era ordenança do secretário geral e todos dotados daquela docilidade característica que os faz parecer disciplinados. Ao jantar compareceram quási todos os portugueses e estrangeiros que viviam na vila, alguns dos prazos, europeus, indianos e mesmo mestiços, como um tal Alfredo Aguiar, redactor de um célebre periódico, *fôlha de couve*, cujo título me não ocorre, e que se inscreveu como jornalista (!) Era êste sujeito original de Angola e viera para Moçambique como sargento ou cabo numa daquelas *levas de recrutas* angolenses, que periòdicamente eram dali mandados para prestarem serviço em Moçambique... Ladino e esperto chegou a ser alferes do exército da África Oriental, sendo demitido e *corrido* no tempo do governador geral Castilho creio que por suspeitas de malversações praticadas, tendo desaparecido durante uns tempos. Soube-se depois que estava na aringa do Bonga em Massangano, como *conselheiro*, aparecendo depois em Tete dizendo-se *embaixador* enviado especial de S. M. o Rei dos Bongas, junto do govêrno português (!!) A-pesar-do *topête* que evidenciava andou de novo desaparecido depois da campanha de 1888, crê-se que refugiado na Macanga para não ser enviado para Timor. Aparecia então em Quelimane arvorando-se em jornalista (!!)

Alfredo Lelo, que com a prática que adquiriu dos homens e do mundo modificou o seu feitio, e com quem mantive depois excelentes relações de amizade, pois era muito estimável, então bacharel saído da Universidade, inteligente mas cheio da importância dos cargos que de repente exercia como secretário geral, presidente da célebre comissão, e dos seus títulos universitários, etc., um tanto enfatuado, e como se dizia «pãosinho», tinha viajado para Moçambique no paquete em que também seguia o então tenente de engenharia Rodrigues Nogueira e outros oficiais que se fartavam de lhe fazer perrices, donde resultou que freqüentemente esbravejasse contra os *tropas*, o que não deve causar admiração a quem tenha andado pelo ultramar e conheça o que se dava muitas vezes entre *bécas* e *tropas*.

Parece que o calor era muito na sala do jantar, e que as guelas sedentas dos convivas, com raras excepções gente nova, tiveram de ser freqüentemente regadas o que trouxe as conseqüências de prever... Certo é que os estrangeiros, todos quantos havia em Quelimane, foram *transportados* para suas casas, dispersando os portugueses mas ficando um grupo dêstes no largo da Câmara discutindo acaloradamente qualquer assunto e sobrelevando às outras a voz de Lelo.

Eu não assistira ao jantar e estava na varanda da casa Correia Carvalho conversando com um dos donos da casa, Nandim de Carvalho, irmão do oficial de marinha dos mesmos apelidos.

Percebi que a discussão parecia azedar-se, sobretudo entre Lelo e Barba de Meneses por um lado, Valdez e o irrascível major Pizarro por outro, enquanto o alferes Custódio parecia chamar polícias da esquadra, sita na casa da Câmara.

Encaminhei-me com o pacato e surdíssimo Nandim para ver se apaziguávamos os contendores quando ouvimos Lelo apoplético gritar «burro!» para Barba de Meneses e o vimos a seguir cambalear com um tremendo murro que êste lhe mandara ao nariz, enquanto Valdez se atirava ao Nóbrega Pizarro que também gritava como um possesso. Pretendi apartá-los e serená-los enquanto Nandim se esgueirava prudentemente e a tôda a pressa, quando vi que o alferes Custódio, mais alto do que eu um palmo, desembainhava o espadim (1) parecendo querer espetar com êle o Barba de Meneses.

Então para evitar maior tolice vi-me forçado a dar também um murro no carão do Custódio indo êle parar estatelado para um lado e o espadim para outro. Os dez ou doze polícias que tinham aparecido, e que a exemplo do comandante haviam desembainhado os terçados, foram por mim também sacudidos *com vigor*, ficando o campo de batalha, como por encanto, limpo de contendores; Lelo, o major Nóbrega, o Custódio, e os policias sumiram-se: o famoso mulato Aguiar que pretendia intervir e ser agradável ao secretário geral também apanhou a sua conta do engenheiro Manuel Joaquim Fernandes, desaparecendo logo.

No largo da Câmara de Quelimane só se viam no chão o espadim de Custódio, que o alferes Rodrigues recolheu e no dia seguinte foi entregar ao dono, *delicadamente* embrulhado em *toalha bordada*... e 10 ou 12 pares de sandálias que os polícias tinham abandonado precipitadamente, para poderem, descalços, fugir mais depressa...

Fiquei muito aborrecido com o que se passara, embora a cena tivesse sido de um cómico irresistível, e averiguei depois que a discórdia fôra motivada pela contraditória opinião de uns e outros sôbre a acção dos militares nas questões do Chire e Macequece...

No dia seguinte procurei Lelo que estava também muito massado e preocupado com o resultado provável do escândalo.

Lá o acalmei e êle achou tôda a razão ao que eu lhe dizia.

A comissão, comprometida desta forma a sua acção, embarcou dois dias depois para Inhambane onde não fêz serviço que se visse por ter sido dissolvida.

O major Pizarro, oficial prático e um dos chamados alferes da *meia-noite* foi exonerado do cargo que exercia, e ficou colocado em Inhambane. O secretário de fazenda e o director da alfândega Severino, que não tinham intervindo na *balbúrdia* regressaram aos seus lugares.

---

(1) Os oficiais de infantaria usavam então uma espécie de espadim.

Lelo era pouco depois transferido creio que a seu pedido e para Macau, onde permaneceu longos anos e onde prestou relevantes serviços, curado já das *verduras* dos seus inícios de alto funcionário do ultramar.

Quanto ao alferes Custódio, Lopes de Andrade que era um tanto *judeu*, mas conhecia o meu feitio, mandou-o servir na minha expedição... O pobre alferes por mais que eu o descançasse não se sentia tranqüilo... e era realmente pouco *guerreiro*. Na primeira ocasião que se proporcionou pois, e desejando êle ir ocupar outro pôsto pedi ao governador de Manica, o diligente e decidido capitão Jaime Ferreira que o recebessse como secretário, ao que êle acedeu prontamente, passando guia para a minha expedição ao meu amigo, o valente tenente Henrique de Andrade que já comigo servira no Chire, e que note-se, exercia em Manica o cargo que ia exercer o alferes Custódio, lugar especialmente remunerado e que era portanto muito solicitado.

Rafael de Andrade escreveu-me uma carta em que querendo mostrar-se zangado pelo sucedido deixava transparecer o *riso*, que dado o seu feitio peculiar, tudo aquilo lhe havia provocado... e mandava-me votos de maior sorte e felicidades.

Tinha António Ennes anunciado e combinado comigo ir êle próprio até Sena, aonde chamaria o governador do distrito de Tete, então o 1.° tenente da Armada Eugénio Andréa, moço oficial cheio de prudência e diplomata «accompli» que havia antes sido nomeado governador do distrito do Zumbo quando êste foi criado, govêrno de que não chegara a tomar posse transitando para Tete, em vista do protesto que a criação daquele distrito e a delimitação da sua esfera de domínio e de influência, haviam suscitado, por parte do govêrno inglês, a instância da «British South Africa Company».

Fôra essa conferência aprazada para se removerem quaisquer dificuldades que pudessem surgir no desempenho da minha missão, na preparação das fôrças de cipais que deveriam acompanhar-me, e marcada para quando o Comissário Régio que fôra à Beira por motivos ponderosos, viesse a Quelimane. Mas o homem propõe e Deus dispõe. Ennes houve que demorar-se na resolução das várias e graves questões originadas no conflito de Manica e combate de Macequece, e Andréa seguiu doente para Quelimane, daí para Moçambique e depois para Lisboa.

O govêrno do Tete ficava interinamente entregue a um oficial da província com pouco expediente e iniciativa, e já velho.

Eu contudo, contando os dias, não ficava inactivo. Pensava, como era curial, aproveitar os cipais de Tete em primeiro lugar, dada a proximidade em que se achavam da Macanga e as vantagens que daí advinham quanto a mantimentos, carregadores, etc., além de conhecerem a região a bater.

Dirigi-me pois ao capitão-mór da Chicôa, Inácio de Jesus Xavier, e propuz-lhe

recrutar êle e organizar as fôrças de cipais para a expedição, indo eu com alguns elementos de confiança à «Chingoza» encontrar-me com êle e assumir a direcção da expedição.

Entendi-me com Romão de Jesus Maria, proprietário do Luane (quinta) da «Chingoza» e padrinho de baptismo de Inácio. Romão arranjou-me um estafeta de nome «Chisengo» andarilho infatigável e conhecido na Zambézia tôda pelas suas proezas em caminhadas, o qual saindo de Mopêia seguiu para Tete e Caconda onde estava Inácio Xavier, regressando em 26 dias de viagem, tendo descansado três dias junto de Inácio: êste caminho era normalmente feito em 36 a 40 dias! Voltou com a resposta de que era impossível êle fazer o que eu desejava, por andar com os seus cipais empenhado em guerra com alguns régulos vizinhos: a própria Chicôa fôra atacada por estes. O portador «Chisengo» além duma carta de Inácio trazia a notícia que também o capitão-mór do Zumbo, Araújo Lobo, estava juntando gente para coadjuvar Inácio, portanto que tão pouco com êle poderia contar. Noticiava haver revolta ou insubmissão no Luia, no Bandar e na Lupata, no próprio teatro da guerra de 1888, e se sabia que gente do Bonga se havia refugiado em terras de Macanga, do Barue ou dos pequenos mas belicosos e sempre independentes régulos bitongas: que nas margens do Zambeze e para o interior estava o país inçado de aringas rebeldes.

Tinha eu estado com Dúlio Ribeiro, indiano inteligente e culto, sócio da importante casa Pereira de Carvalho, de Tete, presidente da Câmara e que em 1888 se distinguira com Castilho. Disse-me que a sua casa tinha liquidado, que êle ia à Europa, e que o comendador Pereira de Carvalho, vinha a caminho já, para seguir também para Lisboa.

O capitão-mór de Tete tinha marchado para o interior com perto de mil homens, para rehaver o marfim que o régulo Camoara roubara a uma das suas cáfilas de caçadores. O governador do distrito, Eugénio Andréa, como vimos, retirara, e o resto da gente que podia mobilizar-se estava em armas para a defesa da vila, ou para marchar contra os rebeldes do Luia, do Macuni e Dinge.

A Macanga e Maravia eram os territórios restantes do distrito, e êsses justamente é que eu devia bater e castigar.

A Angónia, o país do Chicusse e do M'Pezene eram quási para nós terras lendárias, pois as não freqüentávamos, a sua gente zula de origem, ou afeiçoada pelo domínio zulo, era completamente independente, e com ela não havia quási relações e não podiamos contar.

Não era possível pois mobilizar para a minha coluna um único dos irregulares do distrito de Tete, Chicôa e Zumbo!

Para Manuel António como poderia eu apelar se estava a braços com revolta inclemente jogando a cartada de vida ou de morte!?...

Nas regiões que dominara sempre em nome da Corôa, mas como senhor incontestado e absoluto, não tinha um homem a mais, e se conseguisse armar os que lhe prestavam obediência não seriam demais para debelar a temerosa rebelião em que se via envolvido, e lhe daria morte cruel e horrível...

A questão inglesa e o modo como haviamos sido forçados a retraír, a desistir de uma parte das nossas reivindicações e do nosso domínio, não haviam passado desapercebidas aos indígenas, e haviam tido repercussão e éco sertão a dentro!

Os prazos de Sena, limítrofes dos revoltados não podiam garantir um recrutamento eficaz.

No entanto dirigi-me ao comandante militar pedindo-lhe que se dirigisse ao capitão-mór Anselmo Ferrão, e ao afamado capitão negro Pire-pire que andara comigo no Chire, e que conseguisse que êles mobilizassem umas *ensacas* de cipais. Tive resposta de que não podiam recrutar a gente... A gente do Sinjal, Guengue e Charre era antiga gente de D. Luiza da Cruz, irmã do Bonga. No tempo do Belchior do Nascimento, antigo cabo e primeiro marido de D. Luiza poderia merecer relativa confiança, mas agora tendo êle faltado e estando os prazos bongas e bitongas revoltados nem pensar se podia em levantar um só homem que fôsse.

Logo que cheguei a Quelimane o comandante militar do Massingire, um dos comandos do distrito de Quelimane ofereceu os seus serviços e falou-me em 2.000 homens se precisos fôssem. Embora êsses territórios tivessem em parte sido submetidos por fôrças que eu comandara, e a-pesar-da sua oferta, José Cardoso quando eu lhe pedi duzentos homens, apenas arranjou 70, dizendo não poder obter mais! A influência do governador de Quelimane, inimigo de Manuel António ao que corria na Zambézia (e eu não acredito) não era favorável à realização da minha missão, e alguns dos seus subordinados não desenvolviam é certo, aquela boa vontade para com ela, que seria para desejar.

O que era evidente é que justamente a realização do objectivo que me era cometido tinha na situação precária em que se encontrava a nossa soberania na Zambézia efeito político capital. Um golpe feliz vibrado com vigor e dureza sôbre rebeldes notórios, impunes, desde há três anos, do cruel massacre de dois oficiais e 60 soldados, era indispensável: meteria na ordem muitos dos rebeldes declarados, e faria pensar duas vezes os indecisos...

Resolvi pois lançar mão de cipais da baixa Zambézia, o que foi criticado por alguns que desconheciam ou *fingiam* desconhecer o estado de rebelião activa ou latente, em que se encontrava tôda a Zambézia a Oeste e Sul de Sena, e a Oeste e Norte de Tete, e conseqüente impossibilidade de lá arranjar gente.

Veria depois de chegar a Sena o que eu pessoalmente ali poderia obter.

Ennes tinha-me oferecido artilharia, munições e artilheiros brancos das fôrças europeias idas do reino por motivo da questão internacional, e que então se encontravam em Moçambique. Por motivos que ignoro nunca chegaram a apresentar-se, mas sei que apareceram tropas brancas em Quelimane, e ali *ficaram* por determinação da autoridade, a fazer guarnição...

Para a minha expedição foram entregues pela repartição do material de guerra ao meu agente em Quelimane, o tenente-coronel reformado João António Pacífico de Sousa (já eu tinha seguido para a Zambézia), duas peças, do depósito, que êle teve que remeter para a Chupanga, por se não encarregarem disso as repartições competentes... Não pertenciam ao material da expedição europeia, e eram uma peça de bronze de 8 cm., de carregar pela bôca, e uma Hotechkiss de 0,42 de tiro acelerado. Levavam munições que só em Sena puderam ser examinadas, e a que adiante me hei-de referir.

O reparo da peça de 8 cm. ia num estado lastimoso, o que se via logo, e tão aparente era que se não explica como naquele estado, e sem lhe fazerem os necessários consertos a mandaram do depósito de material de guerra de Quelimane.

Para a Chupanga, em vez dos artilheiros brancos (guarnição para as duas peças) que Ennes me oferecera, antes de seguir para a Beira, mandaram-me o *chamado* batalhão de caçadores n.º 2 de Moçambique, na fôrça de 130 homens, e que estava aquartelado em Quelimane, comandado pelo capitão Catoja, tenente Luiz Dias e alferes Carneiro e Sousa, com um sargento ajudante, e *dois cabos* canarins.

Devo aqui dizer alguma coisa sôbre o que era a tropa regular (?) indígena nêsse tempo, a-pesar-da boa vontade de alguns dos seus oficiais, dignos de comandarem melhor gente: de resto numa pequena narrativa sôbre o combate de Macequece, que a Agência Geral das Colónias tem em preparação para publicar, transcrevo a autorizada opinião do coronel de artilharia José Horta, que em 1872 era governador geral de Angola, e que diz o que com justiça pensava da tropa de linha indígena que então tinhamos no Ultramar, tropa que só foi transformada vantajosamente depois e durante o histórico esfôrço militar cometido nas Colónias dos fins do século passado em diante.

Era a tropa que me mandaram constituída por soldados índios, *pseudo* marahtas, e por pretos de Angola: Tôda a gente sabe que os marahtas são bons soldados quando saem da raça guerreira em que devem ser recrutados, mas estes se eram indianos nada tinham que ver com essa raça.

Débeis e incapazes de qualquer esfôrço físico, quando em marcha, se o podiam fazer, alugavam um preto que lhes carregava com a roupa, a arma e o equipamento: às vezes, como eu próprio vi, vendo-me obrigado a intervir, alugavam um negro que carregasse com o seu *desengonçado esqueleto, escarranchado* sôbre os ombros!...

Quanto aos negros Angolas nunca eram alistados voluntàriamente, mas sim compelidos, vádios, larápios, como a maioria dos pretos, bêbados como a todos sucede quando a disciplina os não coíbe disso: tinham a honra de vestir um uniforme português que não poucas vezes deshonravam!

Vivendo em destacamentos, sem instrução nem exercícios, freqüentes vezes armavam em tiranos das povoações junto das quais tinham o quartel. Hoje tudo isso se modificou, evidentemente, por várias razões, entre as quais avulta a forma como são recrutados e instruídos, e sobretudo pela qualidade dos oficiais que os comanda e instrui.

Era o tal batalhão de caçadores 2 em 1891 uma verdadeira *horda* de recrutas, um bando quási de irregulares, pois nem nos fardamentos tinham uniformidade: os poucos índios usando alparcatas ou sandálias, os angolenses com os formidáveis *butes* que a tropa calçava e que êles mal suportavam. Os capacetes brancos pesados e incómodos é que todos por igual usavam.

Dada a *debilidade* dos índios fi-los render por negros que estavam em destacamentos; melhorou assim a robustez física da fôrça mas peorou a sua *indisciplina*, por serem os índios mais ordeiros e submissos.

Chegara à Chupanga o capitão Catoja mas adoeceu gravemente com uma biliosa, e recolheu a Quelimane, e a-pesar-do batalhão (?) estar à minha disposição, durante uma ausência que fiz a Massingire, o alferes Carneiro recebia ordem directa do governador de Quelimane (sem que dela se me desse conhecimento...) e seguia para Inhaguingue a comandar o destacamento! Ficaram pois só o tenente Luiz Dias e alferes Sousa.

Forçado pois pelas circunstâncias, antes de saír de Quelimane para Mopeia e Chupanga tive que recrutar cipais pela forma seguinte: 400 dos prazos da vila muitos dos quais já tinham estado no Chire, e outros, pelo menos os grandes tinham feito parte das «ensacas» que haviam dominado a revolta no Mahindo em 1872. Havia machileiros, alguns operários e muitos marinheiros que eram destinados a guarnecer, sendo preciso, as embarcações do grande combóio fluvial que forçosamente deveria acompanhar-me pelo Zambeze. Comandava essa gente o capitão Trinta, a quem me tenho referido já em outros artigos, e que fôra chefe de caravana de Capêlo e Ivens, da Garanganja a Tete: seguiram Quaqua acima para Mopeia onde se juntaram 310 cipais da Maganja Aquem Chire, sob o comando de Secaneca da Costa, Joaquim Veloso da Rocha, de quem muita história tenho referido em artigos anteriores, e que era secundado pelo filho João, e pelo cazembe Chicote, que em 1869 salvara Serpa Pinto, quando êste estava só e abandonado numa ilha do Zambeze em frente do Massangano depois do grande desastre que ali sofreram as nossas fôrças ao atacar o Bonga.

A-pesar-da gente de Maganja Aquem Chire não ter fama de muito guerreira eram os cipais escolhidos das serras e inhacuauas de Nhanga, Macaia e Conho, todos aguerridos e destemidos caçadores, e tendo a maioria feito as campanhas do Chire e as do Ruo, etc.

Dos velhos cipais do Marral, veteranos de inúmeras expedições arranjou-me

Romão 205 homens escolhidos e de inteira confiança comandados pelo capitão Cachaço, do Borôr mandou-me Baltazar Farinha 24 machileiros escolhidos e habituados ao serviço do sertão e do Ingode para o Lomue mandados pelo Jerumali que acompanhara já Serpa Pinto, e fizera a campanha dos Macololos.

Tinha em 22 de Setembro de 1890, o comissário régio Mariano de Carvalho, a meu pedido, preguntado ao europeu (escrivão de direito da comarca de Quelimane) José Bernardo de Albuquerque, casado com D. Úrsula da Silva, sobrinha neta de João Bonifácio, se no caso de eu necessitar de cipais da Maganja da Costa para ir ao Mataca, como me indicara Romão de Jesus Maria que bem os conhecia) teria Albuquerque possibilidade de me arranjar alguns. Afiançou êste que sim, dizendo dois mil se fôssem precisos.

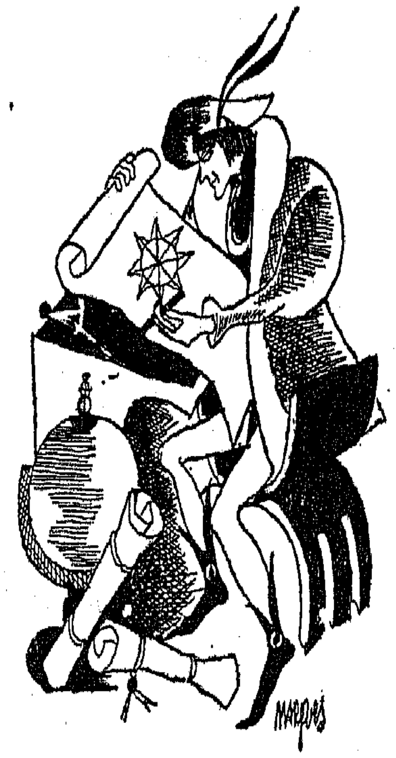
Dadas as dificuldades que havia no recrutamento de *gente de guerra* como os pretos dizem, da proximidade da região que ia bater recorri a Albuquerque, visto que os cipais *da aringa* como se chamava na Zambézia aos da Maganja da Costa, tinham renome em todo o sertão, de destemidos e de entendidos em coisas guerreiras, devido principalmente à conquista de Angoche, realizada por êles sob as ordens de João Bonifácio da Silva.

Arranjou-me Albuquerque 410 cipais com os seus *criados de guerra*, verdadeiros escudeiros como tinham os antigos cavaleiros, comandados pelo capitão Matheus (1) que fôra porta-bandeira na tomada de Angoche, e do cazembe veterano Macuvá Sachecunda a quando dessa conquista sôbre os *inhabacos* do sultão.

(Continua)

(1) Era filho do Mateus, *capitão grande* das fôrças de Bonifácio durante a campanha de 1863.

JOÃO DE AZEVEDO COUTINHO



a mocidade académica e

O 1.º CRUZEIRO DE FÉRIAS ÀS COLÓNIAS

O QUE EU VI EM ÁFRICA

O que eu lhes vou dizer não é uma série de observações de intuïto científico, não é sequer um relato de impressões daquele que estudou o que viu, mas apenas vou contar uns passeios, cheios de interêsse para quem nêles tomou parte — não tendo já nenhum ou muito pouco para V. Ex.as que tão pacientemente se dignam ouvir-me. Escolho dois, os que mais me prenderam, sem dúvida, pelo que dêles aprendi, pela novidade que qualquer dêles me ofereceu. Ambos em Angola graças ao primeiro cruzeiro de portugueses às suas províncias de além-mar...

Pouco havia ainda que tinhamos desembarcado em Luanda, pouco havia ainda que cruzávamos as avenidas dessa capital cheia de tijolos, pedra e caliça, de alicerces descobertos e de telhados em construção. Positivamente a beleza daquele litoral não fazia as honras da colónia — queriamos, portanto, apagar essa impressão desagradável em paisagens um pouco mais sedutoras.

Vamos para o interior em direcção a Malange, ora acompanhando a linha ferroviária, ora afastando-nos dela centenas de quilómetros... Somos quatro do cruzeiro e um bom negociante de tabaco que vai a guiar o nosso carro. Atrás de nós vem uma «carrinha» — o meio de con-

dução mais prático em África—digno substituto do carro «boër». É uma camioneta pequena que atravessa milhas e milhas do sertão carregada de gente e dos objectos mais variados. O «chauffeur» dessa carrinha era um preto, que em tudo lembrava o macaco — na fisionomia e no gestos. Por certo descendia de algum em linha directa! Para macaco, um pouco esperto; para animal racional bastante estúpido!

Cortamos planícies que, sêcas e desertas, apenas nos mostram os seus «imbondeiros» — árvores em forma de garrafa de champanhe com ramos pendentes, sem uma única fôlha... Alternados com êstes aparecem os «candelábros» — uns cactos altíssimos. — Êste aspecto é um tanto macabro o que levou o nosso grande poeta Mário Beirão a dizer que estava contemplando uma paìsagem de esqueletos!!!

À medida que vamos caminhando para o interior a vegetação vai nascendo: Já vemos uma mata de arbustos, para mais além aparecerem campos e campos de algodão e depois algumas árvores, poucas ainda!... Agora,—léguas de capim, dessa erva alta, amarelada, caracteristicamente africana onde há pouco ainda os indígenas nos preparavam ciladas e onde, agora mesmo, as feras se escondem, traiçoeiras!...

O caminho é muitas vezes areia e as rodas dos carros ali se prendem, sendo logo necessário recorrer ao preto que, prestável e bondoso, vai auxiliar o «patrão», — como êles dizem! Passamos Catete — a região da mosca «tzé-tzé», da terrível doença do sono onde um ou outro charco nos fala da morte, para, daí a uns metros postos de desinfecção nos consolarem, falando-nos da salvação, da vida!!!

Entramos no Casengo! É a montanha, a floresta, a vegetação variada e abundante! É o café sob aquele manto de verdura a proteger-se, a procurar sombra. — Queremos correr agora um caminho menos conhecido, — dizem mais belo! Encontramos, neste labirinto montanhoso qualquer coisa de novo: o chão coberto de verdura — não se reconhece a estrada! Procuramos o céu! — não se vê! Estamos num túnel verde! As árvores de fôlha muito miúda dão pequenos estalidos quando cortamos os seus ramos, à passagem. A povoar todo êste sonho, o que vemos? Milhares de borboletas, brancas, amarelas, muitas, muitas, esvoaçam

duma fôlha à outra, acompanhando algumas delas na sua própria queda. — Quem me dirá a mim que não havia ali uma fada... encantada talvez! Porque não?

Caímos à tardinha em Dalatando — grande centro de café situado a igual distância de Luanda e de Malange. Vamos passar a noite no Grande Hotel de Dalatando! Senhor Isaac, ilustre proprietário dêste Palace Medievo, desculpa a irreverência, mas eu não resisto a descrever os teus domínios!... Todo o edifício: — um rés-do-chão! Uma varanda acompanha a casa de jantar cimentada e ventosa. Ingressa-se num pátio interior: o conjunto é fantasmagórico! Patos, galinhas, porcos, pavões, três ou quatro camions arrombados, caixotes, madeiras, cacos, — uma fileira de sapatos luzidios que acabam de ser pulidos fazem adivinhar a elegância dos respectivos donos!... Todo um «Ferro-Velho» desconjuntado por onde passam a correr pretos, pretas, pretinhos e pretinhas atarefados. E, no meio dêste rodopiar de sêres e objectos, o senhor Isaac, incansável, na sua gabardine de polícia sinaleiro em dia de chuva — dá ordens relativas aos nossos aposentos!!! As portas, com um degrau de pedra e uns algarismos sarapintados em cima, abrem-se para o famoso pátio!!! O chão de cimento é hostil, gelado; uma ou outra esteira adoentada tenta agasalhá-lo. Uma lâmpada lá muito no cimo envia, aborrecida e com febres, uns raios de escassa luz. Uns mosquiteiros reduzidos à sua expressão mais simples tocam-nos na cara quando porventura o sono repousante e merecido nos quere embalar...! A noite foi sobressaltada: um rapaz meu amigo, um companheiro nosso, aparece, aflito, julgando-se muito mal; a doença tòma para êle as proporções duma congestão. Assustou-nos deveras! Felizmente pouco ou nada foi! Tinha sido apenas uma indigestão de camarão!!!... — Privou-o, tão sòmente, de nos acompanhar no dia seguinte. Não viu o que nós pudémos ver, não viu o que lhes vou agora contar.

Não nos dirigimos a Malange; não foi êsse, na verdade, o fim do nosso passeio. Queremos ir a Pungo Andongo, chamado também Pedras Negras e às quedas do Lucala perto da Vila Duque de Bragança!

Todo aquele norte é plano — poucas plantações de sizal — algum

gado pelos campos e as «sanzalas» indígenas — as aldeias, que acompanham dum e doutro lado a estrada — palhotas colocadas ali em linha recta como que a pedir ao viandante que lhes ensine o que é o mundo civilizado, que lhes dê uma esmola do seu saber... Em muitas paramos, conversando com uma multidão que nos cerca, sempre ansiosa de nos ouvir. Numa dessas «sanzalas» aprendemos nós esta frase curiosa: «têr esperto no seu cabeço»... É segundo êle, ser inteligente! Nesse momento pensei que o nosso chauffeur, o tal descendente em linha directa do macaco, «não tinha nenhum esperto no seu cabeço»... Já é tarde! É tempo de chegar a Pungo Andongo—a essas Pedras Negras que vemos de longe...formas escuras desenhadas no horizonte — enormes para se chamarem rochedos; pequenas, talvez, para lhe darmos o nome de montanhas. São morêas—rochas arrastadas por glaciares de outras eras que se amontoaram naquele ponto, que se agruparam em família para comentarem as épocas, para fazerem, talvez, alguma troça do homem quando êle procura investigar o que foi o passado!!!... Entre êsses colossos, no meio dêsse conjunto de gigantes remexe o homem, que mesmo ali procura instalar-se, que mesmo junto dessas estátuas do tempo, viera mais uma vez mostrar que é pequeno, que é pouco... ou quási nada... Em certo ponto vemos umas ruínas, um murosito a caír—é a casa, ou melhor, o que foi a casa do tão célebre explorador africano Livigston. Tinha escolhido aquele cenário para viver algum bocado da sua existência tão atribulada. Afastados daí, levam-nos a ver o mistério do Pungo Andongo: — são os vestígios duma pégada na pedra do chão. Ouvimos a lenda: Houvera em tempos remotos uma rainha daqueles sítios, chamada Ginga, muito poderosa e extaordinàriamente rica. Vinha habitualmente àquele ponto para repousar e entregava-se a meditações, triste e solitária. Nunca ninguém soube o que ela pensava. Por encanto o seu pé ali deixara um vestígio, para auxiliar o romancista vindouro na sua imaginação ou para servir de objecto de estudo ao homem de ciência que procure explicar a pre-história.

É preciso mudar de cenário! Certamente já estão cansados de tantos mistérios, certamente já vos pesa a atmosfera carregada de Pungo-Andongo!...

Duzentos quilómetros andados para o norte — estamos nas margens do Lucala: — muito gado — poucas árvores — capim. Uma jangada primitiva conduz o carro lentamente... Indígenas vários assaltam-nos, curiosos, com uns olhos muito grandes, muito abertos — o que nos leva a contemplá-los com simpatia e a trocar algumas palavras num português macarrónico ao qual imprimimos um sutaque brasileiro — convencidos que nesta língua encontrávamos alguma semelhança com o «quimbundo»!!! Soube então um costume daquelas «sanzalas»: Pode um rapaz, muito novo que seja, escolher para sua futura mulher, a dona das suas simpatias. Contraem dêste modo uma ligação espiritual que dura vários anos. Nunca a rapariga poderá pensar «noutro namôro»; o que não acontece por cá, onde «elas» variam com o vento, conforme êle estiver Norte, Sul, Este ou Oeste!... Êsses casais passam a viver juntos, mais tarde, tendo-se o homem habituado assim, a conhecer só uma mulher, a dedicar-se a uma mulher apenas!

Vamos agora a caminho da Vila Duque de Bragança. Surpreende-nos uma queimada de capim à beira da estrada. O vento contra nós! O fôgo quási toca no motor! Tememos uma explosão! Fugimos numa corrida vertiginosa! Pretalhada no meio do caminho dirige a queimada. O nosso volante que tem alguns conhecimentos de «quimbundo», grita, desesperado: «Kinga lá! Kinga lá!»... Não sabemos o que tais palavras signifiquem, mas entendemos do nosso dever fazer côro, também: «Kinga lá! Kinga lá»! Quere isto dizer: «Fujam! Fujam!». Momentos depois, descansados já, e livres de perigo, pudemos ver no cimo da encosta para onde a queimada se dirige, uma fila de negros armados dos objectos mais inconcebíveis, esperando paciente. O que fazem êles ali? pregunto, admirado. Aguardam muito simplesmente o aproximar da queimada. A bicharada miúda, cobras, ratos, lagartos, fugindo do fôgo irá caminhando para a extremidade do campo. Ali os matam, para quê?... Para os comerem ao jantar?

Chegamos à casaria branca do Duque de Bragança — Telhados de zinco prêsos ao chão, com arame, para não voarem em dia vento. A altitude é grande — O Lucala vê-se ao longe na planície; um pouco mais

adiante recebe o seu afluente Coge. As célebres quedas do Duque ficam a duas léguas da vila...

Algumas árvores escondem-nos por momentos aquela maravilha. Só muito perto do precipício nos é dado contemplar, extasiados, as quedas do Duque de Bragança... A disposição não está em linha recta : é um semi-círculo. As águas não caiem abruptamente de rochas, de pedras: aparecem como por encanto da verdura, como se cada arbusto fôsse uma nascente, como se de cada fôlha brotasse um fio de água. No tempo das chuvas o caudal do rio é muito volumoso precipitando-se brutalmente, para demonstrar apenas uma lei física — a da queda dum corpo! Mas neste tempo, não! Não tem pressa de cair; procura os recantos mais pitorescos, para depois se desprender com beleza, com arte... !!! Um arco--íris deslumbrante fecha o semi-círculo das quedas! Está pronto o quadro! A noite vem próxima. Estamos a algumas centenas de quilómetros de Dalatando. É necessário chegar ao hotel do sr. Isaac. Não nos devemos esquecer do companheiro que lá deixámos adoentado!... Velocidades maiores: a estrada não é má... De repente vemos uma núvem de gafanhotos no caminho. Entram para o carro, batem-nos na cara, trepam pelos nossos fatos julgando talvez poisar em terreno conquistado. Esta cena dura apenas alguns minutos porque a núvem é ínfima. Muitas há que cobrem centenas de quilómetros!!! Em seguida começa a luta, dentro do carro, entre o homem e o gafanhoto. Às mãos cheias os atiramos para fora, ficando, no fim do combate, convencidos que já nenhum existia. Aparecia, porém, a todo o momento algum que pudera esconder-se melhor. Não julguem que exagero, se disser, que encontrei em Luanda um dentro dum bôlso e que ainda estava vivo!!!...

Êste problema da praga dos gafanhotos deve interessar a qualquer português, não como inimigo de armas a pacificar, mas como elemento causador da miséria e da ruína duma família, duma região, duma província inteira!... À sua passagem nada resiste — tôda a cultura desaparece, devorada por êsses estomagositos insaciáveis...

Passemos agora ao sul de Angola...

Tinha chegado ao Lubango — a êsse cantinho ameno e acolhedor que parece mais transplantado do nosso campo de além-mar do que fazendo parte da terra africana que se bem lembro por definição escolar é quente e árida. Digna capital da Huila—província a que nada lhe falta: do gado á caça, do trigo ao pomar florido, onde a papaia e a banana conversam amenamente com a laranja e o morango. Tive a felicidade de caír no seio da minha família, numa terra tão longínqua onde nunca poderia supôr encontrar um agasalho e confôrto, tão completo, tão encantador!

Pouco mais precisaria, mais nada talvez! Mas não; qualquer coisa ainda me havia de caír do céu para ficar agradecido, a quem? A Deus certamente!... No dia seguinte partia para uma caçada nas margens do Cunene!!!... Uma caçada em África! Eu que nunca havia pegado numa caçadeira para matar uma lebre, uma perdiz, uma rôla — meter-me pela selva, para com o simples toque num gatilho deitar abaixo uma fera! Isto tomou para mim proporções incalculáveis. Não imaginem que vão ouvir as façanhas dum caçador de feras ou a narração exagerada de aventuras fabulosas, não! Trata-se apenas dum passeio e nada mais!

... Quatro horas duma madrugada fria, desagradável e a nossa carrinha Ford já engulia dezenas e dezenas de quilómetros em direcção a Quipungo.

Esta primeira étape se assim lhe poderei chamar, nada nos trouxe de novo a não ser um maravilhoso nascente — daqueles que só vi em África, daqueles que levo agarrados a mim!

Quipungo — meia dúzia de casas caiadas de fresco, alinhadas à beira duma estrada — pouco mais parece do que uma pousada para se descansar um pouco, matar o bicho, encher o depósito de gazolina e preguntar se os gafanhotos causaram por ali grandes estragos... Na verdade foi mais ou menos isso que fizemos, seguindo para Capelongo — centro donde devíamos depois irradiar... Uma palhota aqui, outra mais ao longe indicavam a existência daqueles negros, tão diferentes dos do norte, que íamos vendo pelos campos de sagaia ao ombro, bicho caçado na mão e olhar feroz... Algumas léguas andadas, vem contra nós um

objecto disforme, inqualificável, com seres humanos suspensos e insensívelmente estacámos em frente dêle cheios de curiosidade e interêsse. O que era? O que seria?

...Muito simplesmente uma carrinha Ford do tempo do Pai Adão que se lembra de andar ainda com pretensões a veículo do século xx!!! A carrosserie — se termo tão fino lhe pode ser aplicável estava escondida debaixo dos variadíssimos malotes, maletas, embrulhos, caixotes e lataria — e coitada era feita de ripas de madeira, a formar espaço para agüentar o que quer que fôsse. O motor desaparecia sob as mantas, carabinas, cordas e cordeletes que o envolviam quási por completo. Quem era o proprietário e condutor dêste animal ante-diluviano? — Um juíz de direito, acompanhado dum delegado, dum médico, e dum capitão. São estas as personagens que entraram agora em cena... Vagueavam S. Ex.as por ali à espera dos nossos ex-companheiros — os fidalgos de Espanha. — Decidem, porém, acompanhar-nos; resolvem divertir-nos.

Capelongo — fica numa margem do Cunene — três ou quatro casas, cinco ou seis cubatas, o rio muito perto, um pombal, algum gado quási nenhuma cultura... — Almôço alegre; itinerários em discussão; projectos grandiosos.

É na carripana descrita que vamos agora ao longo do Cunene até Mulondo — são noventa quilómetrros apenas, um passeiosito sem importância. A estrada — um areal por onde resvalavamos aos tombos — seguia em extensíssimas rectas por entre árvores, que por falta de conhecimentos científicos chamarei pinheiros — na verdade, apenas de longe se pareciam com êstes. (Muitas vezes é melhor não procurar a classificação de certas plantas; não vão elas ter algum nome latino que estrague a paìsagem e afugente o pintor ou o poeta...). Uma manada de guelengues, antílopes brutais, ao longe, muito ao longe, guardados ou a guardar uma palanca desperta-nos logo interêsse, o nosso entusiasmo cresce... Mas apenas dão um ar da sua graça... Desaparecem por entre os tais pinheiros numa corrida elegante, grandiosa. — Ao fim da tarde estavamos num terreiro, no cimo dum monte: — Uma casa de madeira e zincos, duas cubatas, uma árvore frondosa — é Mulondo. Uma manada de gado recolhe apressada, uns cabritos e uns cães animam aquele destêrro com a sua chiadeira. Ali, naquela casa, onde descansamos, um pouco, vive um chefe de pôsto, um branco, um português, um rapaz novo... Um desgraçado que já não ri, apenas sorri... Os melhores anos da sua vida ali se gastam a bem da Pátria... Há quem lhes chame uns segundos missionários e na verdade êles o são: com a sua energia, boa vontade e fé (chamo aqui fé a um ideal que os alimente — sem êle morreriam ao primeiro embate), êsse rapaz, como por todo o interior seus outros camaradas, exige o imposto aos indígenas, pacifica-os, trata das questões que lhes interessam e chama-os a si para arranjar as estradas. Colossal é a sua missão, colossal é também a forma como êles a desempenham. Reparo na salinha da sua casa: uma mesa, algumas cadeiras e uma estante. Na mesa: um baralho de cartas; na estante os seus livrinhos, forrados todos da mesma côr, com a sua ficha, o seu letreiro. — Lá está Júlio Denís, Eça, Camilo e outros para chamarem à vida aquele martir, para lhe darem a ilusão por momentos que em volta dêle gira uma sociedade, um mundo. Distante de todos e de tudo nunca poderá ser socorrido em caso urgente: ali ficará — herói ignorado; ali morrerá — apóstolo da pátria. — A noite avançava a passos largos, para nos surpreender no regresso a Capelongo. Tivemos ainda luz para perseguir alguns crencates, antílopes também, ferindo poucos. Acendem-se os farolins e ainda de relance se vê muita bicharada... Chegados a casa do chefe de posto de Capelongo, tivemos um jantarzinho sossegado onde, no intervalo de cada prato não dansámos um fox ou um tango, como em jantar á americana, mas ouvimos a narração de uma ou outra aventura na selva — jantar êste, que se poderá chamar à africana.

Passamos a noite estendidos na varanda, servindo de colchão a manta, de lençol a manta e de travesseiro a manta também. No entanto acordei apenas com o cantar dum galo e levantei-me com o nascer do sol... Nesta noite, em que tão pachorrentamente dormiamos houve homens que estivessem acordados e bichos também. Uma manada de elefantes passara a menos de um quilómetro de Capelongo, junto dumas cubatas. A pretalhada aflita viera prevernir-nos; mas, acordaram apenas

o nosso capitão que entende por prudência deixar-nos dormir, para que ninguém fôsse ao encontro de tais bichos. Também, logo que soubemos de tal, descascámo-lo!!! Nesta noite que ficará célebre nos anais de Capelongo outro acontecimento se deu ainda: dois pretos tentam roubar um boi a outro. São perseguidos à zagaia e feridos; um dêles no coração... Eu, ouvi esta história, fresca ainda, saída da bôca do queixoso. Os gestos que êle fazia para reproduzir fielmente o quadro ao chefe de pôsto eram qualquer coisa de notável. E o chefe ouvia-os pacientemente com uma bondade e um interêsse sem limites, dando logo ordens para se procurar o ferido ou possìvelmente o morto. No chefe, êles vêem um pai, um juíz que os protege e se interesssa por êles: mais um lado simpático dêstes funcionários, mais um motivo de elogio. Êste então era um bom velhote, aprumado como um militar e activo. Combinámos trocar correspondência — dar-lhe hei assim notícias da metrópole que êle tanto apreciará e tanto merece, recebendo eu em troca as últimas novidades da selva.

*

* *

Já o sol ia bem alto quando a caravana se despede de Capelongo e caminha pela estrada de Quipungo. Grande vai ser hoje o dia para mim! Nunca o poderá esquecer quem vive abafado numa cidade durante oito, dez meses e gasta o resto do tempo — as férias — estùpidamente numa praia, numas termas, sem pensar que procura assim um meio mais pequeno ainda! — Pára o carro de repente: o nosso volante, o juíz, sai com ares misteriosos, chama-nos. Vemos no chão, na própria estrada, umas patadas colossais, monstruosas — é o elefante! Foi sem dúvida os que ali passaram de noite, foi sem dúvida os que que assustaram tanto a pretalhada. E nós olhamos para aquilo, sentimo--nos esmagados e quási nos julgamos inferiores!!!... Calados, muito calados, em sinal de respeito seguimos novamente, cortando agora à esquerda por dentro do capim. Já não é estrada: um simples rodado, quási imperceptível nos indica que devemos ir por ali, por acolá, por

onde talvez já há cinco, seis, sete meses nenhum branco passou. — Antílopes vários fazem-nos gastar tempo e munições; feridos sempre, mortos, porém, ainda não! Vamos agora atravessar as célebres espinheiras — a mata querida do elefante. A nossa roupa é impiamente rasgada por essas unhas de gato... Esta região não satisfeita com a fauna terrível e inimiga até às plantas comunica ferocidade e espírito de vingança!... Cheios de sangue e esfarrapados já nos iamos habituando ao possível ataque de alguma fera!!! Cansados já dessa maldita flora vemo-nos de repente lançados num vale extensíssimo — leito dalgum rio antigo onde as areias irregulares se espalham formando dunas. Campo livre! Dum lado e doutro, na encosta a mata serve de limite a êste quadro singular... É o Bicuar — os domínios de Teodósio Cabral, o torrão querido dêsse grande mestre. Como bons discípulos, que eram os nossos companheiros, para lá dirigem os carros. — Uma gunga, o maior dos antílopes vê-se ao longe, isolada e pacífica. Corremos sôbre ela: dois, três tiros — cai agonisante. Depois da fotografiazinha da praxe ali deixámos aquela massa de mil e duzentos quilos seguindo para a frente satisfeitíssimos da proeza. Manadas e manadas de guelengues fogem pela mata; outras inconscientes do perigo continuam na mesma quietitude. A certa altura subimos a encosta, à direita, e parámos à entrada da mata. Duas palhotas esperam hóspedes ilustres — os marqueses espanhois, mandadas fazer pelo Teodósio para os receber. Uns vinte pretos, criados do mestre aguardam também a sua vinda. Os primeiros, porém, a utilizarem-se de tais palácios somos nós — mortinhos por nos estender debaixo dum telhado, fôsse êle qual fôsse onde matassemos um outro bicho e onde dormissemos uma soneca. Terminadas estas duas importantes cerimónias e organizado o acampamento, metemo-nos de novo a caminho de carabina em punho. A cinco ou seis léguas dali parámos assombrados: temos a cem metros uma manada de duzentas ou trezentas gungas! Corremos atrás delas, enfiamos pela manada, ferindo sempre novas: uma apenas caíu morta. Um furo no pneu impediu que cantinuassemos a cortar arbustos pela mata dentro. Vemo-las desaparecer com saùdade!... Nunca mais terei um espectáculo dêstes!... Voltamos para o acampamento, abatendo

ainda um guelengue e uma gunga isoladas. Zêbras, rapozas, porcos bravos, macacos — tudo vemos ainda. Ossadas de elefante pelo chão impõem respeito. Bicuar! — verdadeiro santuário de animais!!!

Chegamos ao acampamento: umas iscas da gunga abatida de manhã esperam-nos saltitantes. Um bom cavaco de caçadores faz passar alegremente o resto da tarde. Um crepúsculo encantador caminha já a largos passos... Vamo-nos instalar debaixo duma árvore, no alto da encosta vizinha, donde avistamos a única lagôa do Bicuar, que neste tempo contém alguma água... Ali tôda a bicharada irá forçosamente beber. Conservamos um silêncio profundo. A noite cai apressada; pouco a pouco, manadas diversas, vêm descendo vagarosamente, desconfiadamente até à lagôa: até parecia o lago de Genève: só ali se sentem pelo mexer da água; apenas êsse ruído se ouve. As galinhas de mato caminham em bandos, muito juntas, protegendo-se mùtuamente, cuidadosas. Javalis, às dezenas passeiam à roda da lagôa. Um dêles, mais miúdo vem até muito perto de nós; e são tão cómicas as atitudes que êle toma ao mais leve ruído que venha do nosso lado que a custo abafamos o riso. Por fim s. ex.ª acha por bem reünir-se aos seus... Agora umas massas enormes despertam-nos a atenção. Os pretos conhecem-nas: são cinco búfalos. Entusiasmados, resolvemos descer a colina para ver de perto aqueles cavalheiros. Mal, porém, nos pressentem que se afastam lentamente. Chegamos junto da lagôa. Ao nosso lado está um buraco circular onde escondidos uns doze homens podem de muito perto observar a bicharada. Aí deviamos nós passar a noite; as cautelas, porém, do nosso juíz obrigam-nos a recolher ao acampamento... Os pretos do Teodósio dormem rodeados de achas em fôgo. Nós ficamos no chão também; uns debaixo da palhota, outros fora ao luar, tendo a manta as mesmas atribuïções da noite passada... O lobo, o leão, e a zebra, fazem-se ouvir de quando em quando no meio dum silêncio esmagador...

Um frio tremendo acorda-nos de madrugada. Seguramente o termómetro desceu a zero. As gazozas aparecem geladas. Todos trememos. Corremos até à lagôa para aquecer; com aquela água nos procuramos lavar...

É tempo de partir; deixar o querido vale — dizer adeus ao Bicuar. Ràpidamente a nossa carrinha se apronta... Eis que vemos ao longe três automóveis: efeito curioso, original! Naquele destêrro, àquela hora, quem poderia aparecer? Só o mestre, o Teodósio! É êle, na verdade e os marqueses de Espanha que acabavam de chegar!

Meu Deus, que vejo!... Tôda uma civilização no requinte e no gôsto desce pomposa e compassadamente às costas de negros para ser colocada com respeito sob as misérrimas palhotas: é a magnificente, nobre e soante bagagem de suas excelências; da caixa grandiosa onde certamente viriam as sêdas, o «necessaire», refrescante e balsâmico e os «mouchoirs» pulverizados, ao frigorífico automático e servil; do mais completo mobiliário de lona aos travesseiros que embalam o triste, o melancólico — nada faltava a êstes dilectantes de raça, a êstes dilectantes da caça.

Ai como recordo o tão célebre monóculo! É Jacinto que regressa, encaixilhado do «202» ao seu solar lusitano. — Não haver ali a centelha dum Eça que escrevesse com a garra de algum leão: *a cidade e a selva!!!*

M A N U E L   E M Í D I O

O CLERO PORTUGUÊS E AS MISSÕES

Mercê de circunstâncias de vária ordem, — política, social e religiosa, — a crença católica está hoje bem mais nos hábitos que no coração de muitos portugueses... Já Fradique Mendes amava o nosso povo pelas suas qualidades e também pelos seus defeitos; entre êstes extasiavam-no o seu «catolicismo pagão, e carinho fiel aos deuses latinos, tornados santos calendares»! (1) De Eça para cá... pouco caminho andado em boa direcção.

Sabe-se ainda, geralmente, que a Igreja é católica *de direito,* mas na prática chega a esquecer-se com demasiado desleixo, que só o será *de facto,* na justa medida em que os católicos o quiserem: retardando-lhe a expansão pela sua abstenção em cooperar na obra missionária, — ou estendendo-lhe as fronteiras, trabalhando com amoroso entusiasmo no apostolado missionário que, longe de ser apenas uma das actividades da mesma Igreja, é, na definição de Pio XI, a sua própria razão de ser.

Se houvesse ainda hoje em Portugal atmosfera que permitisse defender-se, depois das decisivas encíclicas de Bento XV e Pio XI, nos sectores da opinião que temos o direito de considerar bem pensante, — já não diremos em tese doutrinária (o que não escaparia aos Guardas qualificados da pureza da Fé), mas ao menos na prática (o que não seria nada menos triste), — se fôsse ainda possível defender-se em Portugal, diziamos, a desastrada compreensão luterana do mandamento de Cristo: *ide, ensinai e baptizai todos os povos,* — lançando-se

(1) *Correspondência de Fradique Mendes,* Pôrto, 1900, p. 90.

barreiras de aço ao zêlo salvador daqueles que sentem vibrar-lhes no coração generoso e moço o apêlo divino do Mestre da seara, mal iria ao nosso catolicismo! E então fazê-lo por princípio, seria indiscutivelmante, sustentar com frágeis razões humanas e talvez com pretextos divinos (que de pretextos não passam), uma tese anti-católica, fazendo da «Igreja» uma igrejinha nacional, desinteressando-se, por sistema prático, da salvação do resto da humanidade, — além de contrariar expressamente as directivas insofismáveis do Chefe visível da mesma Igreja.

De facto, a propagação da Fé não é, até pela simples investidura do baptismo, um luxo a que o cristão se possa dar ou furtar a seu bel-prazer, sem rebate de consciência; é um dever que brota do sacramento com a mesma naturalidade com que o fruto sai da flor devidamente fecundada. S. João Crisóstomo prègava ao povo de Antioquia, oportuna e importunamente, como queria S. Paulo: «Não é de vós só, é do mundo inteiro que deveis dar conta. Portanto, não digais mais: eu quero salvar-me, mas dizei: eu quero salvar o mundo!» E Lacordaire, dirigindo-se à Mocidade, comenta o santo e apostólico Doutor, exaltado do mesmo fogo sagrado:

«Assim como não há cristão sem amor, também o não há sem proselitismo e o que vos peço antes de mais nada, a partir de hoje, é que abraceis o mundo na vossa ambição... Dizei, portanto: eu quero salvar o mundo. Nisto consiste o único horizonte digno dum cristão, porque é o horizonte da caridade!» E a caridade, definia-a assim o ilustre orador: «a caridade não é o dom de si aos amigos, aos pais, aos concidadãos, é o dom de si aos estranhos, aos inimigos, a todos sem distinção».

E quando se adverte que nem Lacordaire nem S. João Crisóstomo receavam formar consciências escrupulosas entre... os simples fiéis a quem se dirigiam! Eu quero salvar o mundo, é, com maior fôrça de razão, o único horizonte verdadeiramente digno das aspirações dum Padre. É que a obrigação missionária brota do íntimo da consciência sacerdotal. É a sua suprema razão de ser. Escolhido gratuìtamente por Cristo para participante do seu sacerdócio eterno, nem êle próprio, nem ninguém, na terra como no céu, o pode isentar das suas conseqüências lógicas, que se resumem, — no apostolado universal: pois todo o pontífice, chamado por Deus como Arão, é constituído pela sua ordenação, mediador entre Deus e a humanidade inteira. *(Heb. V)*

O sacerdote não tem, portanto, o direito de ser egoísta, sem se negar a si próprio. O Padre Gratry, compreendendo-o, dizia de alma dilatada: «eu viveria e morreria para atraír sôbre o mundo um raio de luz a mais!»

Mas para que o sacerdote se compenetre da universalidade do seu sacerdócio, é indispensável que alargue, no tempo da sua formação, os horizontes da

alma, com estudos especializados que melhor lhe façam compreender a noção verdadeira de «Igreja Católica», — que não é a igreja de tal nação, de tal região, de tal paróquia, — mas simplesmente a «Igreja» de Cristo; estudos que lhe façam compreender que é dessa Igreja, só dessa e não de outra qualquer que êle, sacerdote, é Ministro, — até para lá da morte, *in aeternum!*

A Santa Sé viu a urgente necessidade de elevar a mentalidade dos seminaristas, procurando introduzir no programa dos seminários a missiologia (essa ciência nova que abarcando todos os grandes problemas da colonização moderna é seu factor primordial) dando a tempo as directivas da sua prudência, — feita de ciência e experiência, no dizer lapidar de Vieira — uma e outra adquiridas na prática multi-secular de civilizadora de povos e raças. É que, dizia Mgr. Salotti em abril de 1933 aos directores nacionais da Propagação da Fé, é que se o páraco não é um amigo das missões e um animador da Propagação da Fé, tôda a obra fica encadeada e abafada no seu germe». Ora é nos seminários que se adquirem convicções missionárias. Na França, Espanha e Itália, principalmente, êste desejo da Santa Sé é já um facto em muitos seminários diocesanos.

No verão de 1931 a União Missionária do Clero italiano ministrava aos seminaristas do norte da Itália cursos de missiologia, durante o tempo de férias passado no seminário, professados pelos seus membros mais activos, zelosos e instruídos. Era a faúlha arremessada.

Num relatório pormenorizado, Mgr. Rogério Bovelli, arcebispo de Ferrara e Presidente da mesma Associação, dava conta à Sagrada Congregação dos Seminários e Universidades, dos trabalhos e resultados colhidos, manifestando ao mesmo tempo o desejo de continuar a campanha em tôda a Itália, caso a S. C. achasse bem, pondo logo em devido relêvo a soma de benefícios que daí adviria à obra missionária, pelos conhecimentos mais vastos das necessidades universais da Igreja, dados aos futuros párocos.

A causa tão bem e tão autorizadamente advogada, o Ex.mo Cardial Bisleti, Prefeito da mesma Congregação, respondeu textualmente:

«Foi-me particularmente grato ter conhecimento dos frutos consoladores que obteve a propaganda missionária organizada nos seminários de Itália, com satisfação dos Bispos, pela benemérita União Missionária do Clero, à qual V. Ex.a dignamente preside.

Ao manifestar-lhe a minha satisfação e a desta S. C., por iniciativa tão vantajosa á causa da Propagação da Fé em todo o Mundo, de mui boa vontade louvo e aprovo o propósito de V. Ex.a de continuar a propagar nas próximas férias uma obra tão felizmente começada, e desejo-o tanto mais, quanto é certo que se vem acrescentar assim um capítulo de importância capital, ia a dizer indispensável, à teologia pastoral.

É certamente necessário, — hoje mais que nunca, — que os alunos do seminário aprendam, a tempo, a conhecer e amar as missões católicas, para poderem fazê-las conhecer e amar depois aos fiéis que a divina Providência queira, num futuro não muito remoto, confiar a seus cuidados pastorais.»

O Ex.^{mo} Prelado de Vitória, Espanha, na *carta de apresentação* dum belo livro, comenta desta sorte as palavras do Eminentíssimo Purpurado: «É preciso confessá-lo, ainda que seja doloroso, que é secundária, para não dizer nula, a importância que nos seminários se tem dado à formação missionária dos nossos seminaristas, oferecendo um lamentável contraste com a importância máxima que se lhe dá nos seminários protestantes». (1)

D. Mateus Múgica, Presidente da União Missionária do Clero espanhol refere-se ao estado de coisas de 1932, a-pesar-de àquela data haver já cursos de missiologia nos seminários de Vitória, Barcelona, Burgos, Calahorra, Tarragona, Pamplona, Santiago e Coruña. Que dizer então de Portugal!?

Se se atendesse sempre e bem à utilidade do estudo da Missiologia não só para a causa das missões, (vá lá a dolorosa distinção... anti-católica!), mas simplesmente para a causa da Igreja! Se se tivesse a peito, acima de tudo, exclusivamente, o maior bem da Igreja e das almas! Se bem se considerasse quanto os estudos missiológicos contribuem, não só para o avanço e conhecimento mais aprofundado da ciência em geral, mas principalmente da ciência teológica!

O Rev.^{mo} Padre Tragella, M. A. M., no seu bem pensado estudo *Avviamento allo Studio delle Missioni,* consagra um sugestivo capítulo a êste problema candente da hora presente, o qual, como a espôsa ao Poeta quinhentista, nos tomará pela mão e irá guiando.

De facto, postando-nos em alta vigia, e abarcando com o olhar o vasto panorama da História da Igreja através dos séculos, concluímos que Ela cumpriu sempre a sua missão de salvadora, de dupla maneira: pela actividade expansiva, secundada imediatamente pela intensiva; anuncia primeiramente a «Palavra de Salvação» aos povos que a não conhecem, e em seguida, como Mestra carinhosa, dá-se-lhes com solicitude maternal, forma-os para a compreensão cada vez mais profunda, para a observância cada vez mais fiel das verdades e princípios que lhes prega. É evidente, portanto, que o apostolado missionário é a base do ministério pastoral da Igreja, a sua fundamental razão de ser. Neste duplo trabalho consiste a manifestação contínua e perpétua do seu princípio de vida.

A primeira disciplina teológica que lucrará imenso com a introdução da

(1) *Manual de Missiologia* de Mondreganes-Escalante, Vitória, 1933, p. 7.

missiologia nos missionários é, salta aos olhos, a História Eclesiástica. É realmente extraordinário que a História não tenha tirado do trabalho dos missionários todo o partido que seria lícito esperar.

Abrindo um manual de História da Igreja, constatamos, mesmo sem demasiada exigência, que a história exterior, isto é, a actividade missionária, é colocada materialmente em primeiro lugar, porque assim o ordenam as exigências da lógica; vê-se logo, porém, qual a preocupação dominante do autor pelo escrúpulo e profundeza de engenho com que trata a matéria; passa-se depressa à descrição dos revezes da Igreja estabelecida e dos esforços desenvolvidos para a conservação do Cristianismo entre os povos convertidos; insiste-se principalmente sôbre o trabalho de educação dos povos cristãos; fere-se a nota do *docete* e pouco se diz do *uentes,* sem o qual aquele não teria razão de ser.

Depois da história dos tempos apostólicos e progressos do Cristianismo no Império Romano, toca-se de novo o assunto a propósito da obra missionária na Inglaterra, Alemanha e países Eslavos; até às grandes descobertas observa-se grande silêncio, apenas perturbado com a menção sumária das missões das Ordens Mendicantes da Idade Média, para se falar dois séculos depois de S. Francisco Xavier, Ricci ou Nobil sempre sem a mínima preocupação de ligar causas e efeitos, sem um estudo, embora sumário, dos povos evangelizados, sem menção e crítica de métodos empregados ou dificuldades encontradas no campo do trabalho.

Em resumo: a maravilhosa actividade da Igreja no tempo e no espaço passa quási despercebida, ou, o que diz o mesmo, a História da Igreja está por compendiar, e portanto por estudar, por saber.

Ora, do estudo da missiologia resulta: 1) Um quadro mais verdadeiro porque mais completo, mais objectivo, mais sentido, do trabalho da Igreja em prol da civilização e salvação da humanidade; 2) um conhecimento mais exacto e mais útil da origem e formação das cristandades, dos métodos empregados, dos obstáculos encontrados e superados; 3) luz mais intensa sôbre os séculos em que a Igreja, humanamente falando, teve menos motivos de glória, pondo-se em relêvo o elemento divino da sua história.

Estudada como uma cuidada biografia (1), a História da Igreja será um manancial inexaurível para as outras ciências eclesiásticas.

(1) Diz-se que Luiz Veuillot tinha continuamente sôbre a mesa de trabalho um exemplar da História da Igreja. A quem lho fazia notar, respondia sem pestanejar: «É a vida de minha Mãe!» E era êste o célebre jornalista e polémista de quem dizia... Saint Beuve: «Este Veuillot tem sempre por si o Papa e a Gramática!» Que exemplo e que cáustico para tanto plumitivo!...

Assim a Apologética que é, como se sabe, a defesa ou demonstração da Revelação prègada por Cristo e proposta pela Igreja Católico, quanto não lucraria de convicção e eficácia em seus argumentos, utilizando a História das Missões, quer como filosofia pròpriamente dita da Religião, quer como demonstração cristã, quer como demonstração católica?!

O argumento histórico-psicológico da necessidade duma religião deduzido da existência universal das religiões; as teses da superioridade do Cristianismo em paralelo com essas religiões; da divindade da Religião Cristã provada pela sua maravilhosa propagação e transformação espiritual dos cristãos, especialmente pela constância inabalável dos mártires; da divindade da Igreja demonstrada pela sua Unidade, Catolicidade, Santidade, Apostolicidade e Indefectibilidade, (outras tantas teses estudadas nos melhores manuais de maneira mais que sumária), quanto não ganhariam de fôrça probante, tendo mais em conta a experiência da vida missionária da Igreja, no tempo e no espaço?!

Estas reflexões são tanto mais fundadas, quanto, sôbre muitas teses fundamentais da Religião, são clássicos os trabalhos directos dos missionários, ou outros compostos com o saber e experiência dêles. As obras: *Étude comparée des Religions*, de Pinard de la Boullaye; *Où en est l'Histoire des Religions*, de Bricout; *Études sur les Religions sémitiques*, de Lagrange; *La Religion des Primitifs* e *Les Pygmées*, de Mgr. Le Roy; *Christus*, organizado pelo Padre Huby; *La Religion des Peuples non civilisés* e *La survivance de l'âme chez les peuples non civilisés*, de Bros; *Les Pygmées de la forêt Equatoriale* do Padre Trilles, — são, entre muitos, trabalhos devidos, no todo uns, em grande parte outros, ao estudo directo, aturado, minucioso, do Pessoal das Missões, e fonte obrigatória para o estudo consciente desta vastíssima matéria que é a missiologia.

Na formação do clero tem-se feito pouco caso da continuïdade do facto missionário da Igreja, especialmente nas suas manifestações contemporâneas. Ora, é a tal ponto rica a História das Missões, que não só o conjunto harmonioso desta actividade assombrosa, mas qualquer das suas manifestações, bastaria de sobra para formar um inabalável argumento apologético. Assim a sobrevivência até aos nossos dias do martírio e do milagre para a propagação da Fé; a heróica actividade das Irmãs Missionárias na hospitalização dos doentes, especialmente dos leprosos; a constância invencível dos missionários que, expulsos do Japão, da China, da Etiópia, quando tôdas as portas lhes estavam trancadas teimaram, em obediência ao *euntes* de Cristo, voltar por outro caminho ao campo do apostolado, que o era também do combate para todos, e para muitos até do martírio; a fôrça moral dos jóvens cristãos convertidos, contra tôdas as tiranias

como os mártires da Uganda, testemunhas heróicas da castidade, uma das três virtudes *reservadas* do Cristianismo, como lhe chamou Lacordaire.

A própria Dogmática, ao menos como confirmação histórica dos Dogmas, — como os da existência e unidade de Deus, origem e fim do Homem, pecado original, propagação do género humano, Deus Redentor e Remunerador, etc., — só terá a lucrar com a introdução da cadeira de missiologia no programa dos seminários.

A Moral, especialmente a Casuística, a-pesar-dos princípios permanecerem os mesmos em tôdas as latitudes, ganhará com o conhecimento da psicologia dos neófitos vindos do paganismo e que nos arrais pagãos são obrigados a continuar a viver; que de circunstâncias inesperadas em terras de missão, na aplicação dos princípios morais!

O Direito Canónico então, é a parte da Teologia prática que mais se enriquecerá com a experiência fecunda das missões, pois que, como é sabido, a Igreja lhes aplica, além da comum, legislação especial, do mais elevado interêsse para os estudiosos.

Mas não é sòmente a Teologia que encontrará no estudo da missiologia argumentos preciosos; as próprias ciências profanas que fazem parte do programa dos seminários, não podem divorciar-se da experiência dos missionários.

Não se pode fazer um estudo sério da História profana sem ter em conta os povos de cultura inferior, sem seguir a sua evolução lenta para o grau mais elevado de civilização, averiguando a causa secreta do seu tardio desenvolvimento.

Ora, o missionário, que não despreza povo nenhum, e que se inclina até com particular complacência para os mais abandonados (1), está especialmente apto a grangear para o estudo integral da História, uma soma considerável de dados originais, concretos, preciosos, se não se contenta com essa «bisbilhotice etnográfica» que satisfazia Fradique. (2)

A História e a Geografia gerais têm sido estudadas nos estabelecimentos de ensino como uma resenha de factos que é preciso desfiar mecânicamente, materialmente, sem vida, com o mesmo interêsse e sencerimónia com que se *passam* as primeiras dinastias do Egipto ou da China, — para cumprir o programa, o

(1) Os Missionários do Espírito Santo, por exemplo, têm logo no princípio das suas Regras o seu fim próprio e distintivo: «evangelizar por tôda a parte os pobres e infiéis não sòmente aceitar os cargos eclesiásticos mais humildes e trabalhosos, para os quais mui dificilmente se encontram ministros, mas amá-los também de todo o coração, e escolhê-los de preferência aos outros». — *Regulae Congregationis Sancti Spiritus*, cap. 2.

(2) *Obr. cit.*, p. 53-4.

enfadonho programa na apreciação, nem sempre injusta, de professores e alunos. Não; é necessário insuflar, principalmente no estudo da História e Geografia do Império Cotonial Português, aquele carinhoso respeito com que se folheiam velhas memórias de família, aquele entusiasmo e íntimo prazer com que nos revemos nos feitos e justas gloriosas dos avoengos, cujo sangue heróico nos gire nas veias — com vivo interêsse, convicção, alma e patriotismo.

O patriotismo, no dizer de Alberto Sueur, «é o laço que liga os vivos aos mortos e torna as gerações solidárias». (1) O passado pertence-nos, trazêmo-lo em nós ora vivo ora adormentado; a história dos tempos idos é o prefácio da nossa própria história em estrofes heróicas. Fustel de Coulanges escreveu no prefácio da sua «Cidade Antiga» estas sensatas palavras que lhe segredou o estudo das lentas evoluções da vida humana: «O passado nunca morre completamente para o homem. O homem pode esquecê-lo; mas conserva-o sempre dentro de si, porque tal como êle é em cada época, é sempre o produto e o resumo de tôdas as épocas anteriores».

Portanto, as descobertas científicas ou ocasionais, as conquistas pacíficas ou guerreiras, assim como a colonização lusíada, criações do génio português em todos os meridianos do globo, (e, na expressão do Poeta, se mais terra houvera lá chegara), por meio dos seus soldados, missionários, comerciantes, agricultores, médicos, engenheiros e artistas humildes de todos os misteres, por outras palavras, — a História da Geografia, das Missões e da Colonização dos séculos XV, XVI e XVII principalmente, devem ser estudadas como «três modalidades complementares do espírito de expansão da raça», na expressão do sábio colonialista o general sr. João de Almeida; sempre associadas, nunca separadas; sempre unidas, nunca desagregadas, — como partes integrantes dum todo a tal ponto uno e indivisível, que se não possa historiar a acção do guerreiro (quási a única que até hoje tem sido feita), sem seguir do mesmo passo a do missionário e a do colono.

*
* *

Com o estudo da Missiologia rasgar-se-ão, portanto, largos horizontes à História da Igreja e à Apologética, à Dogmática e à Moral, à História e à Geografia.

No seminário das Faculdades Católicas de Lille, de Saint-Irénée de Francheville (Lião), Sées, Merville (Lille), Metz, Versailles, Nancy, Soissons, Ruão, Albi, Luçon, Paris, Reims, Verdun, Estrasburgo, S. Sulpício, Le Puy, Tours, Amiens, Issy, Roma, funcionam já importantes Círculos de Estudos Missiológicos, devidos à iniciativa dos alunos, alentados e dirigidos por abalizados professores e prudentes directores.

(1) *Intelectualismo e Catolicismo*, cap. 4.

O Fradique, de Eça de Queiroz, exprimindo um antigo como profundo conceito, «mantinha por princípio que se devia momentâneamente crer para bem compreender uma crença»; e assim é, se por crer entendermos o humilde assentimento da inteligência à verdade. Para estudar a obra missionária da Igreja, é necessário também, de todo o ponto, que o estudante seja, ainda que só momentâneamente... missionário. E se o fogo sagrado se lhe apegar à alma... tanto melhor para êle, e tanto melhor para o seu seminário, porque o honra.

O Superior do Seminário de Versailles tem o arrôjo apostólico de declarar pùblicamente aos seus alunos: «lorsqu'il n'y a pas de vocations missionaires dans un Séminaire, c'est la preuve que le Séminaire manque de ferveur». Um Professor do mesmo instituto escreve, a demonstrar que aquelas palavras não são efémeras flôres de retórica: «Versailles vient de donner, pour la rentrée d'octobre, 6 missionaires, dont 2 prêtres, 3 théologiens et un philosophe. J'espère que le bon Dieu nous aidera à faire encore devantage». (1)

Estas palavras são um símbolo; manifestam a aceitação generosa, inteligente, cristã, das palavras quentes de Bento XV, ao falar ao Episcopado da penúria missionária, agravada ainda com o flagelo da grande guerra. «Sôbre êste ponto principalmente, Veneráveis Irmãos, queremos atraír a Vossa atenção. Fareis um acto sôbremaneira digno do Vosso amor da Religião, se cultivardes com cuidado no clero e no seminário diocesano os germes do apostolado, que se tiverem manifestado num ou outro. Não vos deixéis enganar por qualquer aparência de bem, nem por nenhuma razão humana, como se, por terdes favorecido as missões estrangeiras, Vos parecesse ter prejudicado os interêsses da Vossa diocese. Porque, por um sacerdote que deixardes partir para as missões Deus Vos suscitará muitos e excelentes». (2)

O Papa actualmente reinante faz suas as palavras do seu venerando predecessor. Quem dera que num futuro bem próximo fôsse geralmente aceite entre nós esta desempoeirada, evangélica e católica mentalidade, para honra e lustre do Clero Português, e bom nome dêste rincão bendito que é Portugal! Desde já saüdamos jubilosamente a aurora que nos há-de anunciar o dia em que Portugal retomará definitivamente a rota gloriosa dos seus destinos: espalhar a jorros a luz da Fé, no seu vastíssimo Império.

(1) *L'Union Missionnaire du Clergé de France*, janvier, 1935, p. 2.
(2) Encíclica «Maximum illud», de 30 de novembro de 1919.

ANTÓNIO BRÁSIO, C. S. Sp.

REGINA

Airosa que não bela, que a beleza, a idade lha roubara, quem é que não conhecia a creoula de porte senhoril que às vezes viamos passear em S. Vicente de Cabo Verde?

Era distinta no porte e distinta no trajar: fato branco engomado, sapato de tacão e meias da mesma côr, ao vê-la de longe a pisar bem, quem não lhe notasse a tez, julga-la-ia alguma *miss* vaporosa, dêsses exemplares raros fóra da Inglaterra que, parece, lhes proíbe a exportação.

Entretanto, a pobresita, não passava de lavadeira!

Lavadeira hoje, mas ontem senhora, quando se nos dirigia era sempre com um aristocrático «vocêlencia» duma pronúncia fria e especial que parecia uma ironia da sorte, e um dia, contou-me a sua história.

Não a sei eu reproduzir, conservando o *tic* da linguagem dela, onde a abundavam termos escolhidos lembrando um desenho de estranhos matizes ou rendilhado em desuso nos nossos dias.

Às vezes, porém, num salto brusco, filho de outros hábitos, e o hábito é uma segunda natureza, no meio daquela linguagem apurada, soltava um ou outro termo mais plebeu, entrando até pelo calão, que era de arripiar!

Crescera entre mimos e abastada, e recorda ainda as tradições que ouviu, pequena, dos tempos em que em casa havia escravos.

A música, os bordados, os mil nadas de que vivem as almas femininas, ocuparam a mocidade de creoula indolente.

Vivia feliz quando, um dia, se encontrou só no mundo, sem amparc àlém de ilusões e altivez.

Metera-se a justiça do permeio nas partilhas da casa; caprichosa, não quiz seguir os conselhos de alguém que a guiava, e fàcilmente foi iludida.

Roubaram-na, e para não pedir esmola, hoje trabalha mas, do seu infortúnio, um bem lhe resta: o filho de que se orgulha.

Ainda bem moço, conta ela, já o futuro o preocupava; sentia estreitos os horizontes da sua pobre ilha e dizia à mãe: tenho que a deixar porque aqui nada poderei fazer!

Entusiasmava-se ao ver desfilar a tropa, e uma vez tendo fundeado no pôrto um navio escola argentino, foi a bordo onde despertou simpatia. Um oficial quiz levá-lo, aceitou o oferecimento, despediu-se da mãe, e lá foi para a América em busca de aventuras.

Foi feliz; era vivo, gostaram dêle, e a família do seu novo amigo encarregou-se de o mandar educar.

Hoje, é aspirante de marinha.

E a mãe enternecida, como as mães o sabem ser, acrescentou ainda êste promenor: antes de sentar praça, escreveu-me êle, lutei muito, levei dias a pensar, lembrava-me tanto da minha Pátria, da minha bandeira!

O meu futuro é êste, mas embora, o coração, minha mãe, ficará sempre português!

E com um suspiro de saüdade, Regina, a creoula que já não é rica mas ainda é altiva, terminou a sua história.

No mar 1918.

JAIME DO INSO

VICE-REIS DA ÍNDIA

(LEGENDAS DESCRITIVAS)

CONTINUAÇÃO

66.º — *O governador D. Miguel de Almeida sucedeu ao governador D. Rodrigo da Costa, em 24 de Junho de 1690. Governou só por terem falecido os dois governadores seus companheiros, durando o seu govêrno seis meses e 16 dias.*

67.º — *O governador D. Fernando Martins Mascarenhas sucedeu, e o Reverendo Luiz Gonçalves Cotta o que foi secretário do Estado pelo óbito do governador D. Miguel de Almeida em 15 de Dezembro de 1690 e governaram ambos até 4 de Junho de 1691, dia em que faleceu o seu dito companheiro e governou só até 19 de Setembro do dito ano em que teve por companheiro chegado naquela monção do Reino o Arcebispo Primaz D. Fr. Agostinho da Anunciação.*

68.º — *O vice-rei D. Pedro António de Noronha, Conde de Vila Verde, sucedeu aos governadores D. Fernando Martins Mascarenhas e D. Fr. Agostinho da Anunciação, Arcebispo Primaz, em 28 de Maio de 1693. Governou até 17 de Fevereiro de 1698.*

69.º — *O vice-rei António Luiz Gonçalves da Câmara Coutinho, Almotacel-mór do Reino, sucedeu ao vice-rei, D. Pedro António de Noronha, Conde de Vila Verde, em 27 de Setembro de 1698. Governou até 17 de Setembro de 1701.*

70.º — *O governador D. Vasco Luiz Coutinho, que sucedeu no govêrno com D. Agostinho da Anunciação, e governaram ambos até o primeiro de Outubro de 1702.*

70.º — *O governador D. Fr. Agostinho da Anunciação sucedeu, com D. Vasco Luiz Coutinho, ao vice-rei António Luiz Gonçalves da Câmara Coutinho em 17 de Setembro de 1701.*

71.º — O vice-rei Caetano de Melo de Castro sucedeu aos governadores D. Fr. Agostinho da Anunciação, Arcebispo Primaz, e D. Vasco Luiz Coutinho em 1 de Outubro de 1702. Governou até 29 de Outubro de 1707.

72.º — O vice-rei D. Rodrigo da Costa sucedeu ao vice-rei Caetano de Melo de Castro em 29 de Outubro de 1707. Governou até 19 de Setembro de 1712.

73.º — O vice-rei D. Vasco Fernandes César de Menezes, alferes-mór do Reino, sucedeu ao vice-rei D. Rodrigo da Costa, em 19 de Setembro de 1712. Governou até 13 de Janeiro de 1717.

74.º — O governador D. Sebastião de Andrade Pessanha, Arcebispo Primaz, sucedeu ao vice-rei, D. Vasco Fernandes César de Menezes, em 13 de Janeiro de 1717. Governou até 16 de Outubro do dito ano.

76.º — O vice-rei Francisco José de Sampaio e Castro, sucedeu ao vice-rei D. Luiz de Menezes, Conde da Ericeira.

77.º — O governador, D. Cristóvão de Melo governou êste Estado três vezes; a primeira só pela 1.ª via de sucessão que se abriu pelo falecimento do vice-rei, D. Francisco José Sampaio e Castro, e outras duas com companheiros.

79.º — O vice-rei João de Saldanha da Gama sucedeu aos governadores D. Inácio de S.ª Teresa, Arcebispo Primaz, e chanceler do Estado Cristóvão de Melo em 28 de Outubro de 1725. Governou até 23 de Janeiro de 1732.

80.º — O governador D. Inácio de S.ª Teresa, Arcebispo Primaz sucedeu com o chanceler do Estado Cristóvão Luiz de Andrade e Cristóvão de Melo, em 13 de Setembro de 1723. Governaram todos três até 28 de Outubro de 1725. Sucedeu o dito Arcebispo dêste Estado, segunda vez, ao vice-rei João de Saldanha da Gama, com D. Cristóvão de Melo e Tomé Gomes Moreira. Governaram até 7 de Novembro de 1732.

81.º — O vice-rei D. Pedro de Mascarenhas, 1.º Conde de Sandomil, sucedeu aos governadores, D. Inácio de S.ª Teresa, Arcebispo Primaz, D. Cristóvão de Melo e Tomé Gomes Moreira, em 7 de Novembro de 1732 e governou até 18 de Maio de 1741.

82.º — O vice-rei D. Luiz de Menezes, Conde de Ericeira, sucedeu ao governador, D. Sebastião de Andrade Pessanha, Arcebispo Primaz, em 9 de Outubro de 1717. Governou até 17 de Setembro de 1720 e veio 2.ª vez a êste Estado. Vice-rei com o título de Marquez de Louriçal sucedeu ao vice-rei, Pedro de Mascarenhas, Conde de Sandomil em 18 de Maio de 1741. Governou até 12 de Junho de 1742. Faleceu em Gôa e está sepultado na capela de S. Francisco Xavier, na casa professa.

83.º — O governador D. Luiz Caetano de Almeida sucedeu ao Marquez de Louriçal, em 12 de Junho de 1742, com seus companheiros, D. Francisco de Vasconcelos, Bispo de Cochim, e D. Lourenço de Noronha e por se achar o dito bispo na sua diocese e o outro governando Moçambique, permaneceu só no govêrno até 19 de Dezembro do mesmo ano em que chegou o dito bispo e governaram ambos até 30 de Março de 1743, dia em que faleceu o dito bispo e continuou a governar só até 17 de Maio do dito ano em que chegou de Moçambique D. Lourenço de Noronha. Governaram até 24 de Setembro de 1744.

84.º — O vice-rei D. Pedro Miguel de Almeida e Portugal, Conde de Assumar e Marquez de Castelo Novo, sucedeu aos governadores, D. Francisco de Vasconcelos, Bispo de Cochim, D. Lourenço de Noronha e D. Luz Caetano de Almeida, em 19 de Novembro de 1744 e no de 1748 obteve a graça de título de Marquez de Alorna. Governou até 27 de Setembro de 1750.

88.º — O vice-rei Manuel de Saldanha e Albuquerque, Conde da Ega, sucedeu aos governadores, D. António Taveira da Neiva Brum, Arcebispo Primaz, o chanceler do Estado, João de Mesquita Matos Teixeira e Filipe de Valdares Souto Maior, em 23 de Setembro de 1758. Governou até 19 de Outubro de 1765.

90.º — O governador D. João José de Melo sucedeu, como governador interino dêste Estado, com companheiros ao vice-rei, Conde de Ega, na via da sucessão aberta a 19 de Outubro de 1765 por ter falecido na viagem, o vice-rei, Conde de Louzan, e estando governando foi provido no lugar de governador e capitão general do mesmo Estado, por uma carta Régia de 14 de Abril de 1767, e tomou posse do dito lugar a 19 de Março de 1768 no qual continuou até 10 de Janeiro de 1774 em que faleceu.

92.º — O governador e capitão general D. José Pedro da Câmara sucedeu ao capitão-mór, Filipe de Valadares Souto Maior, em 24 de Setembro de 1774 e governou até 26 de Maio de 1779.

93.º — O governador e capitão general D. Frederico Guilherme de Sousa, que sucedeu a D. José Pedro da Câmara, chegou a Moçambique a 7 de Setembro e saindo daquele pôrto aos doze do dito mês tornou a arribar a êle e, segundo a sua derrota na monção pequena, che-

gou a êste Estado a 22 de Maio de 1779, tomou posse dêle a 26 do dito mês. E governou até 3 de Novembro de 1786.

94.º — *O governador e capitão general Francisco da Cunha e Menezes, que sucedeu a D. Frederico Guilherme de Sousa, em 3 de Novembro de 1786 e governou até 22 de Maio de 1794.*

95.º — *O governador e capitão general Francisco António da Veiga Cabral, Gran Cruz da Ordem de Aviz, tenente general efectivo dos exércitos de Sua Magestade Fidelíssima, sucedeu a Francisco da Cunha e Menezes, em 22 de Maio de 1794 e governou até 30 de Maio de 1807.*

96.º — *O governador Bernardo José Maria de Lorena.*

97.º — *O governador D. Diogo de Sousa, Conde de Rio Pardo, do conselho de Estado e do de guerra, Gran Cruz da ordem de Cristo, cavaleiro de Tôrre e Espada, Vedor da casa real, ex-governador das capitanias general de Moçambique, Maranhão, Rio Grande de S. Pedro, ex-vice-rei dos estados na Índia, presidente do conselho ultramarino, ministro e secretário de Estado dos negócios da guerra.*

101.º — *O governador Cândido José Mourão Garcez Palha, chefe de esquadra, sucedeu a D. Manuel da Câmara, em 17 de Novembro de 1825 com seus companheiros, D. Fr. Manuel de S. Galdino e António Ribeiro de Carvalho que governaram até 9 de Outubro de 1827.*

— *Bernardo Peres da Silva, governou a India com o título de Prefeito, de 14 de Janeiro a 1 de Fevereiro de 1835.*

110.º — *O governador José Joaquim Lopes de Lima, 1840-1842.*

115.º-115.º A — *O governador Joaquim Mourão Garcez Palha, chefe de Divisão reformado, sucedeu a Francisco Xavier Pereira da Silva, Conde das Antas, em 25 de Abril de 1843 e governou até 20 de Maio de 1844.*

116.º — *O governador José Ferreira Pestana, do conselho de Sua Magestade Fidelíssima, doutor na Faculdade de Matemática pela Universidade de Coimbra, e na mesma, lente catedrático, ministro e secretário de Estado honorário, comendador da ordem militar de Nossa Senhora da Conceição de Vila Viçosa, cavaleiro da ordem militar de S. Bento de Aviz e governador geral do Estado da India de 20 de Janeiro de 1844 a 18 de Novembro de 1487.*

67

66

68.º—O V. Rey D. Pedro Antonio de Noronha Conde de Villa Verde svccedev aos governadores D. Fernando Martins Mascarenhas e D. Fr. Agostinho da Annvnciação arcebispo primaz em 28 de maio de 1693. Governov até 17 de fevereiro de 1698

69.º—O V. Rey Antonio Luiz Gonçalves da Camara Covtinho Almotacel-mor do Reino svccedev ao V. Rey D. Pedro Antonio de Noronha Conde de Villa Verde em 27 de setembro de 1698. Governov até 17 de setembro de 1701.

70.—O Governador D. Vasco Lvis Covtinho qve svccedev no governo com D. Agostinho da Annvnciação, e governaram ambos até o primeiro de ovtvbro de 1702.

70.º—O Governador D. Fr. Agostinho da Annvnciação svccedev com D. Vasco Lvis Covtinho ao V. Rey Antonio Luiz Gonçalves da Camara Covtinho em 17 de setembro de 1701.

71

72.—O Vice-Rey D. Rodrigo
da Costa svcedev ao V. Rey
Caetano de Mello de Castro em
29 de ovtvbro de 1707. Gover-
nov até 19 de setembro de 1712
72

73.°—O V. Rey Vasco Fernandes
Cezar de Meneses alferes-mor
do Reino svcedev ao V. Rey
D. Rodrigo da Costa em 19 de
setembro de 1712. Governov até
de janeiro de 1717.
73

74.°—O Governador D. Sebas-
tião de Andrade Pessanha
arcebispo primaz svcedev a
V. Rey Vasco Fernandes Cezar
de Meneses em 13 de janeiro
de 1717. Governov até 16 de
ovtvbro do dito anno.
74

76.º—O Vice-Rey Francisco
Jose de Sampayo e Castro
svcedev a V.Rey. . . .

76

vão de Mello governou este Es-
Francisco José de Sampayo
companheiros

77

79.º—O V.º Rey João de Salda-
nha da Gama svcedev aos
G.es D. Ignacio de S.ta Thereza
arcebispo primaz e chanceller
do Estado Christovão de Mello
em 28 de ovtvbro de 1725. Go
vernov até 23 de janeiro de
1732.

79

80.º—O Governador D. Ignacio
de S.ta Thereza arcebispo
primaz svcedev com o chan-
celler do Estado Christovão
Lvis d'Andrade e D. Christovão
de Mello em 13 de setembro de
1723. Governarão todos tres
até 28 de ovtvbro de 1725.
svcedev o dito arcebispo
d'este Estado segvnda vez ao
Vice-Rey João de Saldanha da
Gama com D. Christovão de
Mello e Thomé Gomes Moreira,
governarão até 7 de novembro
de 1732.

80

81.°—O V. Rey Pedro Mascarenhas 1.° Conde de Sandomil, svccedev aos Governadores D. Ignacio de S.ta Thereza, arcebispo primaz, D. Christovão de Mello e Thomé Gomes Moreira em 7 de novembro de 1732 e governov até 18 de mayo de 1741.

81

82.°—O Vice-Rey D. Lvis de Menezes Conde de Ericeira svccedev ao G.or D. Sebastião de Andrade Pessanha arcebispo primaz em 9 de ovtvbro de 1717. Governov até 17 de setembro de 1720 veio 2.ª vez a este Estado. V. Rey com o titvlo de Marqvez de Lovriçal e svccedev ao V. Rey Pedro Mascarenhas Conde de Sandomil em 18 de maio de 1741. Governov até 17 de jvnho de 1742 faleceo em Goa esta sepvltado na capella de S. Francisco Xavier na casa professa.

82

83.—O Governador D. Lviz Caetano de Almeida svccedev ao Marqvez de Lovriçal em 12 de jvnho de 1742 com sevs companheiros D. Francisco de Vasconcellos bispo de Cochim e D. Lovrenço de Noronha e por se achar o dito bispo na sva diocese e ovtro governando Moçambiqve existiv so no governo até 19 de dezembro do mesmo anno em qve chegov o dito bispo e governaram ambos ate 30 de março de 1743 dia em qve falecev o dito bispo continvov o governo so ate 17 de maio do dito anno em qve chegov de Moçambiqve D. Lovrenço de Noronha Governarão ate 24 de setembro de 1744

83

84.—O Vice-Rey D. Pedro Migvel de Almeida e Portvgal Conde de Assvmar e Marqvz de Castello novo, svccedev aos governadores D. Francisco de Vasconcellos bispo de Cochim, D. Lovrenço Noronha e D. Lvis Caetano de Almeida, em 19 de novembro de 1744 e em o de 1748 obteve a graça do titvlo de Marqvez de Alorna. Governov ate 27 de setembro de 1750

84

88. —O Vice-Rey Manoel de Saldanha e Albvqverqve Conde da Ega svccedev aos governadores D. Antonio Taveira da Neiva Brvm arcebispo primaz, o chanceler do Estado João de Mesqvita Mattos Teixeira e Filippe de Valladares Sovto Maior em 23 de setembro de 1758 e governov até 19 de ovtvbro de 1765.

88

90.—O Governador D. João José de Mello svccedev como governador interino d'este Estado com companheiros ao V. Rey Conde da Ega na via de svccessão aberta a 19 de ovtvbro de 1765 por ter falecido na viagem o V. Rey Conde de Lovzan, e estando governando foi provido no lvgar de governador e capitão general do mesmo Estado por hvma carta regia de 11 de abril de 1767, e tomov posse do dito lvgar a 18 de março de 1768 no qval continvou até 10 de janeiro de 1777 em qve faleceo.

90

92.—O Governador e capitão general D. José Pedro da Camara, svccedev ao capitão-mór Filippe de Valladares Sovto Maior em 24 de setembro de 1774 e governov até 26 de maio de 1779.

92

93.—O Governador e capitão general D. Frederico Gvilherme de Sovza, qve svccedev a D. José Pedro da Camara, chegov a Moçambiqve a 7 de setembro e saindo d'aqvelle porto aos 12 do dito mez tomov a arribar a elle e segvndo a sva derrota na monção peqvena chegov a este Estado a 22 de maio de 1779 tomov posse d'elle a 26 do dito mez e governov até 3 de novembro de 1786.

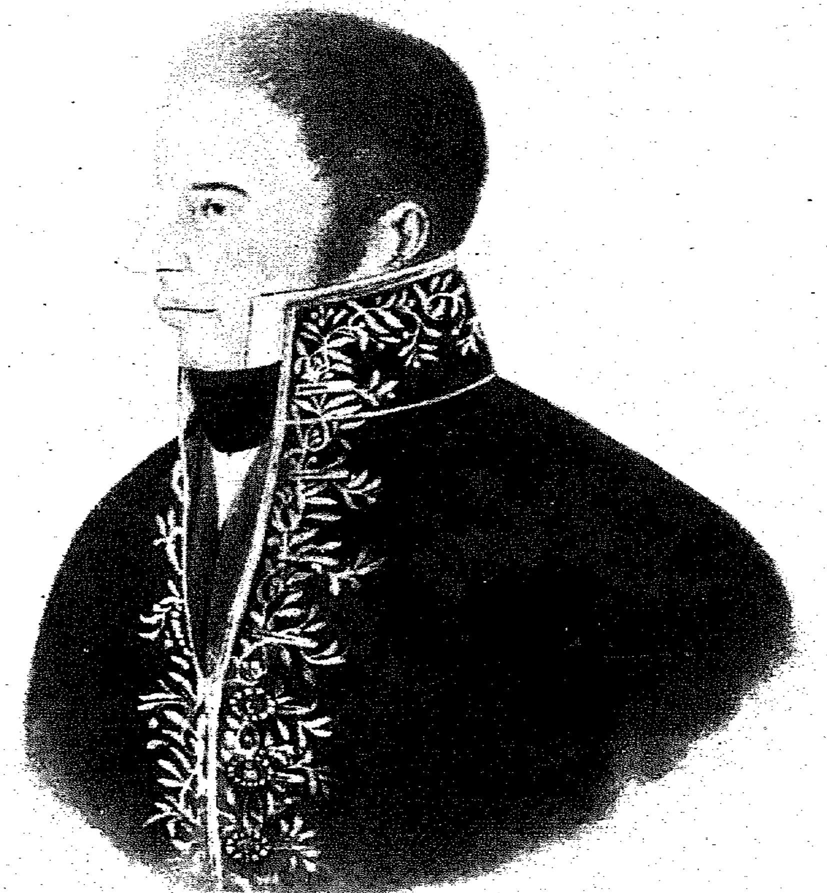
93

94.°—O Governador e capitão general Francisco da Cvnha e Meneses qve svccedev a D. Frederico Gvilherme de Sovza em 3 de novembro de 1786 e governov até 22 de maio de 1794.

94

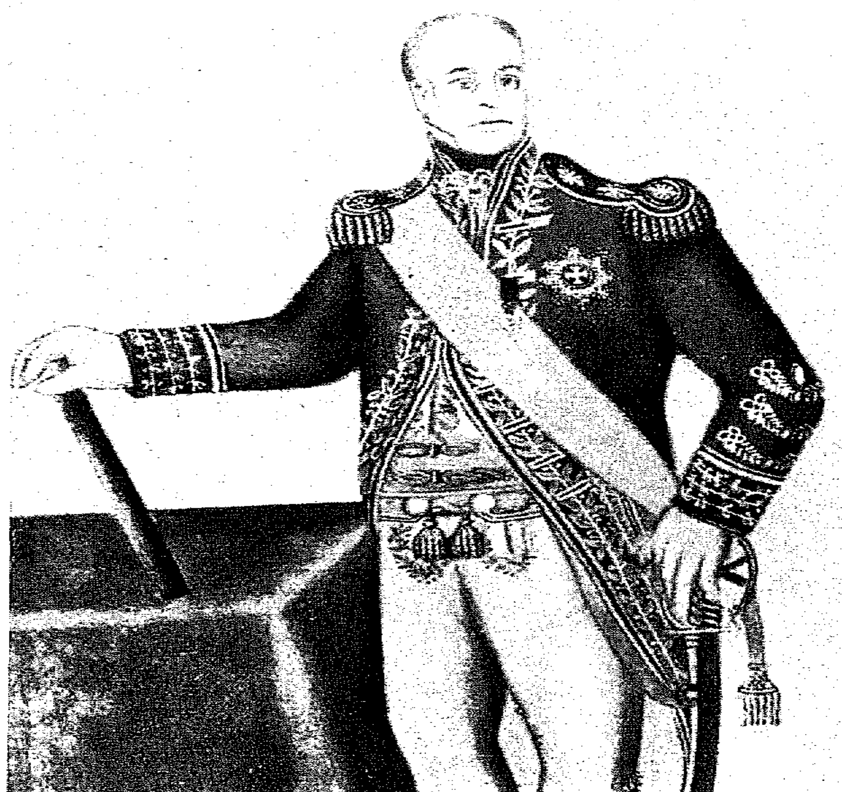
95. —O Governador e capitão general Francisco Antonio da Veiga Cabral, Gran-Crvz da ordem de Aviz tenente general effectivo dos exercitos de Sva Magestade Fidelissima, svccedev a Francisco da Cvnha e Meneses em 22 de maio de 1794 e governov até 30 de maio de 1807.

95



96.°—O Governador Bernardo José Maria de Lorena

96



97. —O Governador D. Diogo de Sovza, Conde de Rio Pardo, do conselho de estado e do de gverra, Gran-Crvz da ordem de Christo, cavalleiro de Torre e Espada, Vedor da casa real, ex-governador das capitanias general de Moçambiqve Maranhão, Rio grande de S. Pedro, ex-vice-rey dos estados na India presidente do conselho ultramarino, ministro e secretario de estado dos negocios da gverra &. &.

97

101. —O Governador Candido José Mourão Garcez Palha, chefe d'Esquadra succedeu a D. Manoel da Camara em 17 de novembro de 1825 com seus companheiros D. Fr. Manoel de S. Galdino e Antonio Ribeiro de Carvalho, que governaram até 9 de outubro de 1827

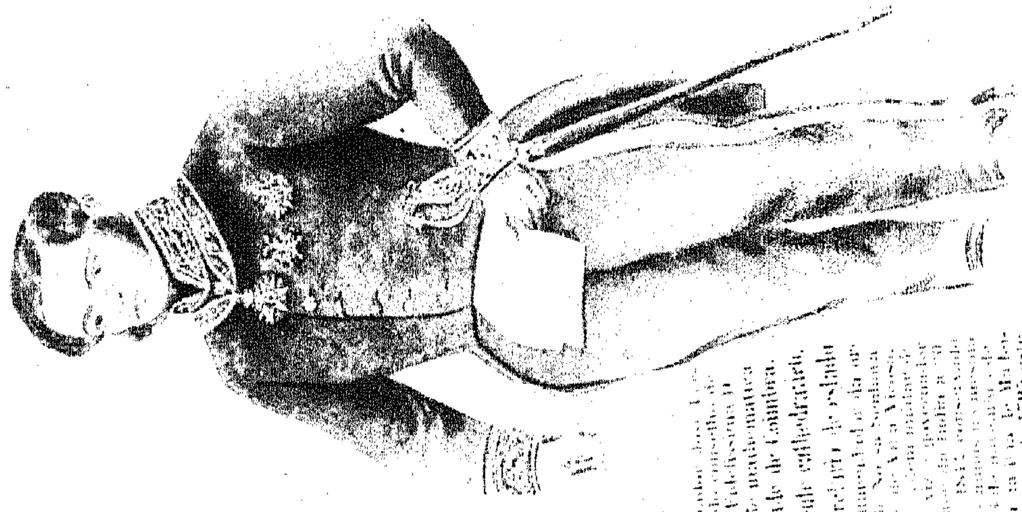
101

Bernardo Peres da Silva

110

115.—O Governador Joaquim Mourão Garcez Palha, chefe de Divisão reformado, succedeu a Francisco Xavier Pereira da Silva, Conde das Antas, em 25 de abril de 1843 e governou até 20 de maio de 1844

115



116

115-A

PORTO
SANDEMAN
ENDER. TELEGRÁFICO: SANTALINE-LISBOA // TELEFONE 26086
Representante para as Colónias Alvaro de Lacerda Rua do Alecrim, 21 // Lisboa

INFORMADOR

COMERCIAL E INDUSTRIAL

Com as suas páginas de informação permanente, inicia «O Mundo Português» uma nova modalidade na sua publicidade, em que proporciona aos seus leitores, numa rápida consulta o conhecimento das casas que lhes interessam para as transacções da vida cotidiana.

Aos anunciantes em geral, numa época em que a publicidade é o nervo dos negócios, escusado é encarecer a vantagem desta página, sempre lida e consultada com interêsse pelos milhares de leitores que «O Mundo Português» já hoje conta como revista de propaganda de grande E X P A N S Ã O

Banco de Angola — R. da Prata, N.º 10-22. Banco Emissor de Angola
Todas as transacções bancárias

Papéis Os melhores do mercado são os da Companhia do Papel do Prado!... Fábricas no Prado, Louzan, Albergaria-a-Velha
Escritórios: Rua dos Fanqueiros, 270-278 / Lisboa

Companhia Colonial de Navegação - Carreiras rápidas para as Colónias Portuguesas. Rua Instituto Virgílio Machado, 14 / Lisboa

Companhia Nacional de Navegação - Carreiras rápidas para as colónias da África Oriental e Ocidental Portuguesa. R. do Comércio, 85 / Telef. 23021 / Lisboa.

Chapéus de feltro merino e lã grossa. — Fabrico especial de «A Social» de Francisco Leite Soares de Rezende / Arrifana. Vale do Vouga / Telefone 55

Chapéus e feltros para senhoras e homens. Nunes da Cunha & C.ª, Limitada. Rua Oliveira Júnior / S. João da Madeira. Endereço Telegr.: «Condestável» / Telefone: 42

Comércio Geral — A. Henriques & C.ª, Limitada. Rua Oliveira Júnior / S. João da Madeira. Endereço Telegráfico: «Fabtriunfo» / Telefone 25

Côlchas e atoalhados da Fábr. de Tecidos de S. Miguel, são os que mais garantias oferecem. Pedidos a Aristeu, Lopes & Oliveira, Lda. / Guimarães / Telefone 23

Ourivesaria Aliança / Celestino da Motta Mesquita. Oficina de Ourivesaria, Joalharia, Pratarias cinzeladas, etc. / R. das Flores, 191 a 211 / Tel. 1541 / Teleg. «Joias» / Pôrto

Telha e Tijolos de todas as qualidades. Vendem: Companhia Cerâmica das Devezas / Telefone 252 VILA NOVA DE GAIA

INFORMADOR COMERCIAL E INDUSTRIAL

Lusalite. Fibro-cimento nacional. Chapas Onduladas e Lisas. Tubos para todos os serviços. Corporação Mercantil Portuguesa, Lda. — Rua do Alecrim, 10 — Lisboa.

A Sedaria de M. Alves Ribeiro em Cta. Fábrica de tecidos de seda. Rua Anibal Patricio, 410 Porto Telefone 1535

Artigos Fotográficos. Tudo para fotografia e cinematografia. Trabalhos para amadores. Películas e chapas Perutz. Enviam-se catálogos. ROIZ, LDA. R. Nova do Almada, 84 — Telef. 24670 — Lisboa.

Fada Rádio Instalações sonoras Bela Vox Representantes exclusivos para Portugal e Colónias, Mantua, Limitada 29, Calçada de S. Francisco, 37 - Lojas, 1.º e 2.º Lisboa / Telefone 25035

Fábrica das Antas Rua da Vigorosa, 654-Porto Telefone 972
As maiores instalações do país para o fabrico de arame farpado e rede de arame. Malhas de ferro para cimento armado e estuques. Pregaria, etc.

Sociedade Comercial A. Freitas & Gameiro, Lda. — Engenharia Armamento e Munições // Material aeronáutico. Séde social — Rua do Arsenal, 148, 2.º Telefone 26245 — Lisboa — Teleg. Torpedo

A Alumínia, Lda. Rua da Pasteleira, 219 — Porto
Telefone 21 - Foz. Fundada em 1902. Louça de alumínio. A mais económica. A mais higiénica. Marca «TREVO»

Fosforeira Portuguesa. Séde / Lisboa Rua Garrett, 62
Fósforos para consumo nacional e coloniais (fósforos de exportação) // Fábrica em Espinho Delegação / Porto / Avenida dos Aliados, 9, 1.º

CAMINHO DE FERRO DE BENGUELA

LOBITO

Ligações da Katanga com a Europa

A mais curta estrada para a Africa Central

Distância via Lobito comparada com via Beira:

Distância a favor da via Lobito: 578 milhas por terra e 2.955 por mar. Total: 3.553 milhas

Distância via Lobito comparada com via Cape Town:

Distância a favor da via Lobito: 1.269 milhas por terra e 1.450 por mar. Total 2.719 milhas

Séde em Lisboa: Largo do Quintela, 3

CAPAS

PARA ENCADERNAÇÃO DE «O MUNDO PORTUGUÊS»

Capa de luxo, em pele, com dourados e ferros. . . . **25$00**
Em percalina com dourados e ferros . . . . **12$00**

Satisfazem-se todos os pedidos que venham acompanhados da respectiva importância e do porte

Sociedade Industrial de Tipografia, Limitada
RUA ALMIRANTE PESSANHA, 3 E 5 (AO CARMO) // LISBOA

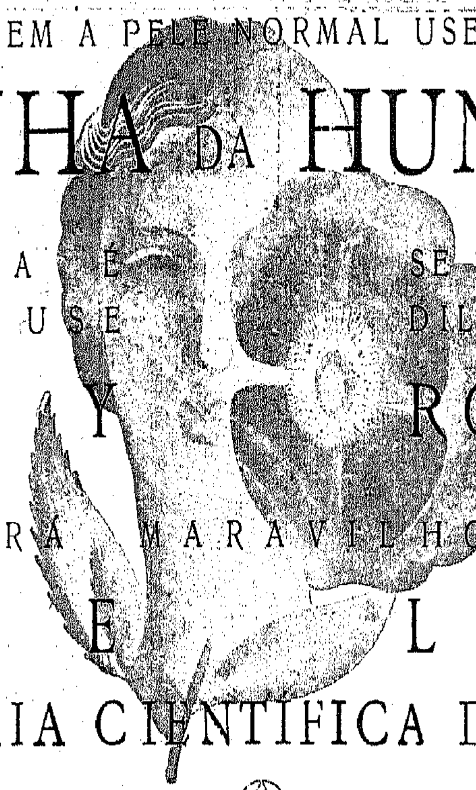
TRABALHOS GRÁFICOS

SOCIEDADE INDUSTRIAL DE TIPOGRAFIA, LIMITADA
R. ALMIRANTE PESSANHA, 3 E 5 (CARMO)
LISBOA

TELEFONE 27956

SE V. EX.ª TEM A PELE NORMAL USE OS PRODUTOS

RAINHA DA HUNGRIA



SE ELA É OLEOSA USE

OLY

SE TEM OS POROS DILATADOS USE

ROSIPOR

E FICARÁ MARAVILHOSAMENTE

BELA

ACADEMIA CIENTIFICA DE BELEZA

Mᵉ CAMPOS

AVENIDA DA LIBERDADE, 35

LEIAM

TODOS OS SABADOS

«A VERDADE»

SEMANÁRIO REPUBLICANO INDEPENDENTE

DIRECTOR: COSTA BROCHADO

O

GRANDE BATALHADOR DO ESTADO NOVO

O

JORNAL DE MAIOR EXPANSÃO EM TODO O PAÍS

RED. E ADMINISTRAÇÃO / P. LUÍS DE CAMÕES, 22, 2.º, DT. / LISBOA